

# AUTORES & LIVROS

Ano 10  
16/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI  
Nº. 18

## Notícia sobre Artur Orlando

Artur Orlando da Silva nasceu no Recife, Pernambuco, em junho de 1888. Era filho do José Caetano da Silva e da esposa D. Belarmino Autônoma Mesquita Pinheiro. A informação de que o Artur Orlando era lenhador velho da Silva, Sebastião, diz que ele era mui-

to cedo na Faculdade de Direito do Recife, ali se formou em 1891, tendo tido como professores de dirma, entre outros, Magalhães, britânica da qual ficou sendo chama-  
da Escola do Recife, reformada certo sentido, dos nossos dias, o folclore e mesmo da arte de teatro: Cândida Matos foi senador pelo Maranhão Portela, que mais tarde fez parte da mesma Facul-

dade sério e dotado de lamento para os estudos de socio-  
e direito, Artur Orlando teve o seu lugar marcado, na  
sua convivência de maior  
momento de nos-  
talgia literária: Tobias Barreto por Orlando, desde o  
dia em que ele estudava na  
seu maior apreço. Em  
ocasião sempre citada  
memória que o mestre do  
poeta em um exemplar da  
edição de seus *Ensaios* e  
*Filosofia e Crítica*. Nessa dedicatória dizia

“estas palavras que são  
e muito expressivas: “A  
firmando, o amigo incom-  
parável, o companheiro de batalha  
do qual bem poderá dizer o  
de Hugo de Lamartine, que  
é uma espécie de poeta huma-  
nizado que tem traz à lânc  
um direito de coragem”.

O poeta D. Maria Pragmatista formada pela Facul-  
dade Direito do Recife em  
D. Maria Pragmatista era se-  
rada de grandes dons intelec-  
tuais. Artur Orlando e sua tra-  
balhou em conjunto. Da esposa  
muitos restaram, além de  
muitos trabalhos originais e  
numerosas traduções, publica-  
das em Lisboa, o estu-  
dante ainda merece ser lido a  
questão da mulher.

Formado, Artur Orlando come-  
ça a advogar. Mas a sua pre-  
ocupação é entrar para o corpo doc-  
ente da Faculdade de Direito,  
onde terá ambiente para a definitiva  
expressão de seu espírito e de suas idéias.

Tenta dois concursos. O pri-  
meiro é para a cadeira de Retó-  
rica e Poética do Curso Anexo, e  
ele não obtém o concurso.  
Na segunda — que se realiza em 1885 — tem como con-  
correntes Machado Portela Ju-  
nior, Augusto Vaz, Alfredo de Bar-  
ros, Gomes Parente e Adolfo Cir-  
ne. O concurso se realiza e obtém  
o primeiro lugar Augusto Vaz,  
cabendo o segundo a Cirne e o  
terceiro a Portela.

Artur Orlando, porém, se re-  
tira das provas, por verificá-las que  
a Congregação está de pe atrás  
contra ele: viram os examinadores  
inconvenientes em uma pro-  
posição do candidato sobre ordá-  
rias, e levava a mal a aplicação  
do hercúleo ao direito... Orlando  
desiste, e ainda bem, pois  
receia que lhe venha acontecer o  
que aconteceu, havia alguns  
anos, a Silvio Romero, na celebra-  
ção da morte da Metafísica...  
Veja sobre esse episódio da  
vida de Artur Orlando a História  
da Faculdade de Direito do Recife,  
de Clóvis, vol. I, pág. 120.

Em 29, é nomeado diretor ge-  
ral da Instrução Pública do Recife,  
em substituição a João Barreto.  
Luis Union Cavalcanti.  
Em 1891 é nomeado, também  
em Pernambuco, Secretário do  
Estado dos Negócios da Indústria  
Pública e Particular, Assistência  
Pública e Estatística. Não chega a  
tomar posse, entretanto, em virtude  
da desconfiança política que  
convulsionava o Estado. Em  
93 era cirilo deputado federal, fi-  
cando na Câmara até 95. Em  
1901, era eleito senador estadual.  
Renunciou, porém, em 1903, por  
ter sido de novo eleito para a Ca-  
mara Federal. Nessa última casa  
ficou até 1914, quando, com a mu-  
dança da situação política de  
Pernambuco, se tornou impossível  
a sua reeleição.

Simultaneamente com a car-  
reira política, Artur Orlando fez  
também a carreira jornalística.  
Sua obra, nesse terreno, ficou dis-  
tinguida, entre outras, por:  
— *Ensaios de Crítica*, 392 págs., Tip. do "Jornal do Recife", 1904.  
— *Nova Encyclopédia*, 153 págs., Tip. de J. B. Edelbrock, 1905.  
— É possível admitir-se a libe-  
rerdade moral como fundamento  
da imputabilidade criminal,  
independente do livre arbítrio?  
— (Memória apresentada ao  
3.º Congresso Científico Latino-Americanano, realizado na Capital Federal) — 1905.  
— Pan-Americanismo, 200 pá-  
ginas, Rio — 1906.  
— Reforma do ensino — Discurso  
pronunciado na Câmara dos  
Deputados. — (Tip. do "Jor-  
nal do Comércio"), Rio — 1907.  
— *Pernambucano*, (Na Biblio-  
teca do Congresso de Geografia  
realizado no Rio) — 1910.  
— *O clima brasileiro*, (Memó-  
ria apresentada ao 1.º Con-  
gresso de Geografia, realizado  
no Paraná) — Rio — 1911.

— *Porto e Cidade do Recife* —  
463 págs., Tip. do "Jornal do Recife", 1908.  
— *Código de Direito Sanitário ou  
de Higiene Jurídica*, (Memó-  
ria apresentada ao 4.º Con-  
gresso Latino-Americanano, realizada na Capital Federal) — 1909.  
— São Paulo versus Alexandre  
VI e São Paulo Bandeirante.  
— (Memória ao 2.º Congres-  
so de Geografia, realizado em  
São Paulo). — Rio — 1910.  
— *Pernambucano*, (Na Biblio-  
teca do Congresso de Geografia  
realizado no Rio) — 1910.  
— *O clima brasileiro*, (Memó-  
ria apresentada ao 1.º Con-  
gresso de Geografia, realizado  
no Paraná) — Rio — 1911.  
— *Continua na pág. 285*



JERONIMO  
PIREIRO

ARTUR ORLANDO

## SUMÁRIO

PÁGINA 277:

Orlando.

— *Não te coqueas de mim*, de  
Carlos Leão.

PÁGINA 286:

— *O Sanguine das Horas*, de  
Roberto Alvim Correa.

— *O acordo ortográfico*.

PÁGINA 287:

— *O grande Taunay mestre da  
Brasilidade*, de Kiberto Cou-  
tu.

— *O reino dos movimentos so-  
ciáveis*, de Barbosa Lima.

PÁGINAS 288, 289, 290 e 291:

— *Antologia da Literatura Bra-  
sileira Contemporânea* — 2.ª  
Série — *Antologia da Poesia*  
— XVI — Clóvis Beviláqua.

— *Clóvis Beviláqua* (na biográ-  
fica com Introdução).

— *Bibliografia de Clóvis Bevi-  
láqua*.

— *Algumas fontes sobre Clóvis  
Beviláqua*.

— *Naturalismo russo* — *Dos-  
toveres*, de Clóvis Beviláqua.

— *Psicologia das plantas*, de  
Clóvis Beviláqua.

— *Resposta a um inquérito  
Literário*, de Clóvis Beviláqua.

— *Um autografo de Clóvis Bevi-  
láqua* — *Fac-Simile de um  
bilhete a João Ribeiro*.

— *Canto da Solidão*, de Hoydée  
Nicolussi.

PÁGINA 292:

— *A morte de João Alfonso*,  
de Mucio Leão.

— *Um desenho de Iberê Ca-  
margo*.

— *Correspondência de escrito-  
res* — *Carta de Malheiros  
Dias a João Ribeiro*.

PÁGINA 283:

— *A Escola Literária do Recife no último quartel do Sé-  
culo XIX* — *Carta aberta a Artur Orlando*, de Sílvio  
Romero.

PÁGINA 284:

— *O romance contemporâneo*,  
de Artur Orlando.

— Um documento interessante  
— *Fac-Simile* dos votos de  
vários acadêmicos, dados a  
Artur Orlando, na eleição da  
Academia Brasileira de Letras (vaga do Barão de Lo-  
reto).

PÁGINA 285:

— *A Ciência e a Arte*, de Artur

# S. PAULO VERSUS

A glória dos bandeirantes está menos em ter criado povos e descoberto minas de ouro e pedras preciosas que em haver conquistado aos indígenas e aos espanhóis, apadrinhados aqueles com os recursos e inícias do deserto, estes com a autoridade e soberania do papa, a imensa região, que se estende até às Andinas das Andes.

Sabe-se que, em 1490 dos 510 milhões de quilômetros quadrados, que formam a superfície do globo, apenas eram conhecidos 50 milhões, que então as conquistas da terra se faziam principalmente pelas descobertas no mar, cabendo a iniciativa aos portugueses e aos espanhóis, aos quais simultaneamente se devem os três magníficos acontecimentos do ciclo oceânico da história da humanidade: o caminho do Oriente levado a efeito por Vasco da Gama, a descoberta da América por Colombo e a circum navegação do globo por Magalhães.

Em fins do século XV preocupava o espírito dos cosmógrafos e dos grandes navegadores a descoberta de terras desconhecidas, ou melhor, de um Novo Mundo: no mapa desenhado em 1448 por André Bianco, capitão de uma galera veneziana, figura a América como um ilha, e na carta de Gracioso Benincasa de 1482, na mesma latitude que a Espanha, aparece a Antília, com duas outras ilhas, Roxela e Salvaga.

Antes, em 1455, já a carta de Bartolomeu Páret trazia a Antília ao lado das ilhas dos Bem-aventurados, a que se referem os poemas homéricos, as "Inúlces Fortunatos" dos Romanos; e em 1481, mais ou menos, Francisco Laurana, em uma medalha de bronze, com a efígie de Carlos IV de Anjou, conde de Maine, havia gravado um mapamundi, em que são representados quatro continentes: Europa, Ásia, África e África.

Os atos dos soberanos vinham corroborando as conjecturas dos cartógrafos: com efeito, em 1457 D. Fernando, duque de Beira, recebeu de Afonso V uma carta, em que aquela monarquia lhe concedeu as ilhas que o duque de Beira "esperava descobrir no oceano Atlântico"; em 1462 igual concessão foi feita a João Viegas, que pretendia ter descoberto as Ilhas da Óva e Capraria; e em 1475 foi dada a Fernando Telles, mordomo da filha de Afonso V, a propriedade de todas as ilhas que fossem encontradas na altura de Guiné.

Muito elucidativa é a carta de Paulo de Pozzo Toscanelli a Fernanda Martins, em 1474, insistindo "sobre o muito curto caminho que existia por via de mar, da Europa as Indias", e não menos corroborativa é a expedição, que em 1480 partiu de Bristol para navegar aoeste da Irlanda, até à ilha chamada Brasilha. (1).

A descoberta da América produziu na Europa grande alvorecer, principalmente em Portugal.

Não pertenciam aos portugueses as terras, de que Colombo havia tomado posse, em nome de Jesus Cristo, para os soberanos de Castela?

Pela par de Alcucevas, concluída em 1479, cabiam a Portugal todas as terras descobertas e por descobrir, desde o cabo da Bojador até ao continente indiano, compreendidas neste, conforme os conhecimentos geográficos de então, a África e a Ásia.

A crença geral era que a América pertencia às "terras das especiais e do ouro", cumprindo notar que Cristóvão Colombo morreu na perspectiva de que Cuba fazia parte dos "países do Sol".

Desde princípios do século XV que por uma bula pontifícia os soberanos de Portugal eram senhores das terras descobertas do cabo Bojador às Indias.

Em 1437 Afonso V, incitado por seus irmãos, Henrique e Fernando, a fazer uma expedição a Tanger, convidou Eugénio IV sobre a legitimidade da empresa e as despesas a fazer.

O papa respondeu que, se os infiéis ocupavam território cristão ou não respeitavam a pessoa e bens dos fiéis, a guerra era legítima; mas devia ser feita com discrição e piedade tanto quanto o permitisse a vida e bens dos fiéis.

Quanto às despesas, se a guerra tinha em vista a defesa da pessoa e bens dos cristãos podiam ser lançados impostos; se, porém, a expedição era feita com o fio de conquista, as despesas deviam correr por conta do soberano.

Quatro anos depois, em 1441, ainda se dirigiu Afonso V a Eugénio IV, pedindo para a coroa de Portugal, tudo que fosse descoberto desde o cabo Bojador até às Indias inclusivamente, e em 1452 obteve de Nicolau V permissão para atacar, subjugar e reduzir à escravidão os Saracenos, tomando-lhe as terras, bens móveis e imóveis.

As cartas de Nicolau V sobre as vitórias obtidas contra os Mouros da África, sobre as ilhas descobertas no Oceano, se seguiram às do Calixto III em 1458, de Pio II em 1450, e de Xisto IV em 1481, todas elas confirmando as mercês feitas aos soberanos portugueses.

Alexandre VI, apesar de não estimar Isabel, rainha de Espanha, de quem dizia — La reina non esser quella *custa donna si predichara*, contudo era espanhol de nascimento, e nestas condições não se sentiu mal, concedendo metade da América aos soberanos de sua terra natal, Fernando e Isabel, por uma bula, relativamente à qual Francisco I teve as seguintes palavras de espírito: "Desejava bem conhecer a disposição testamentária, em que Adão dividiu o Novo Mundo entre os reis de Portugal e Espanha, com exclusão deles, rei dos franceses".

Voltarei a acrescentar que, com sua autoridade divina, o Santo Padre podia dar do mesmo modo os globos de Júpiter e Saturno com seus satélites.

Na qualidade de chefe da cristandade e sucessor de S. Pedro, a quem cabia o supremo poder de deitar ligar e desligar no céu e na terra, segundo afirmava Gregório VII, em virtude do direito de propriedade conferido por Constantino, o Grande, ao papa Silvestre e seus sucessores sobre as ilhas, Alexandre VI fez mercê e doação para sempre aos soberanos de Espanha, "de todas as ilhas e terras firmes, achadas e por achar, descobertas e por descobrir, para as bandas do ocidente e meio-oceano, tirando-se uma linha reta do polo ártico ao polo antártico, ficassem ou não essas ilhas e terras firmes para as partes da Índia, ou outro, qualquer quartelário do globo", sendo que a referida linha devia "correr a cem léguas de distância das ilhas dos Açores e de Cabo Verde, e isto sem embargo de quaisquer outras constituições e ordenanças apostólicas em contrário."

Bem se vê que não se tratava de uma arbitragem nem de uma demarcação. A bula de 4 de maio de 1493 diz claramente: "Assim que, pela autoridade do Deus Todo-Poderoso, que nos foi dada na pessoa do apóstolo S. Pedro, e da qual gozamos, como Vizirio de Cristo na terra, vos fazemos — doação das ditas ilhas e terras firmes, achadas e por achar, descobertas e por descobrir, com todos os seus senhorios, cidades, vilas, castelos, aldeias, povos, lugares, direitos, jurisdições e todos os mais pertences e direções que tocar possam".

Não se tratando de uma arbitragem nem de uma demarcação mas positivamente de uma mercê, conforme tantas outras, feitas aos reis de Portugal, e como dá a entender o título da Bula de 25 de setembro de 1493, na tradução feita em língua castelhana — *Bula de extensis e donation apostolica de las Indias*, resta saber que fim tinha Alexandre VI com seu ato de "liberalidade e munificência".

Parce que outro não era o pensamento do chefe da cristandade senão a criação de um grande império teocrático ao serviço de uma nova política religiosa.

"Meu reino não é deste mundo", disse Cristo; mas a América era um mundo novo com homens novos, que nos termos da Bula de 4 de maio de 1493 "viviam juntos em boa paz, andavam nus, não comiam carne e acreditavam em um Deus criador que está no céu."

O Papa confiou a Fernando e Isabel, seus muito amados filhos em Jesus Cristo, a tarefa de "subjugar com a assistência divina todas as ilhas e terras sobreditas, quer dizer, 'onde havia abundância de ouro, esmeraldas e outras muitas coisas a este modo preciosas'" reduzindo os seus habitantes à fé cristã.

O que se fazia necessário era "converter os habitantes dessas ilhas e terras firmes à religião cristã", para o que recomendava que fossem "enviados às sobreditas ilhas e terras firmes homens doutos, piados e tementes a Deus, para doctrinarem os seus habitantes na fé católica".

A Bula terminava de modo bem expressivo: "E temos feito que o supremo Distribuidor dos Impérios e senhorios guiará de maneira as vossas obras, que vossos trabalhos e fadigas alcancem afinal um termo tão próspero e glorioso, como nunca houve outro igual em toda a cristandade... E ninguém seja usado a infringir e quebrantar o que está determinado por este nosso mandamento, exortação, requisição, doação, concessão, assinatura, constituição, decreto, proibição e absoluta vontade".

Não faltam documentos confirmando a Bula de Alexandre VI no sentido de submeter à jurisdição pontifícia todas as terras e povos do universo, e reduzir o poder civil a uma delegação da supremacia da Igreja.

Entre outros exemplos citaremos a fórmula redigida por uma comissão de teólogos e jurisconsultos para servir de modelo nos atos de posse dos países descobertos na América.

Neste curioso documento se encontra a afirmação de que o Sumo Pontífice "como senhor universal da terra fez mercê e doação das ilhas, e da terra firme do oceano, a SS. MM. CC. os sereníssimos reis de Castela, D. Fernando e D. Isabel, de gloriosa memória, e seus sucessores, com tudo quanto nelas se achasse".

"Se vos conformais com isto, continuás o torvaldário, andareis bem, e cumprireis vossos deveres; por onde S. M. e eu, em seu nome, vos havemos de escolher com amor e bondade, deixando-vos a vós, vossas mulheres e vossos filhos em plena liberdade, e livres do cativeiro, gozar de todos os vossos bens, sem nenhuma diferença dos habitantes das ilhas, afora outros muitos privilégios. Iscónicas e regalias, que vos há de acordar S. M. Porém, se refugais ou dilatais maliciosamente a obediência devida à presente notificação, nesse caso, com a ajuda a favor do Todo Poderoso, entrarei forçosamente por vossa terra, vos farei crudelíssima guerra, até de todo reduzir-vos à obediência da igreja e d'el-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos, ou deles se dispôr como aprovarem a S. M., tomardo-vos todos os vossos bens e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto em mim couber, como a súditos rebeldes e levantados."

O tratado de Tordezelas, em vez de invalidar, pelo contrário, confirma a Bula de Alexandre VI.

Sem se preocupar com os outros soberanos cristãos e com os direitos dos autoctones, os reis de Portugal e Espanha agiram, como se estivessem ao abrigo de qualquer dúvida e censura, transportando a linha de marcação para 370 léguas a oeste das ilhas do Cabo Verde sem indicar, porém, qual delas.

Todavia, o tratado devia ser confirmado pelo

Santo Padre, e realmente o foi pela Bula de 23 de Janeiro de 1506, de Julio II, o que dá bem a entender segundo escreve Harrisson, que "as cartas apostólicas constituiram numa vasta escala, no final do século XV, o que se poderia chamar o direito dominante, na Europa, visto serem basadas em bases assim como em preceitos, que eram unicamente típicos por justos, e em todo caso considerados tal por todas as nações europeias."

Vaga e indecisão como era, em virtude da inconsciência entre os cosmógrafos, não só no tocante às dimensões da terra, mas muito, a muitos outros pontos, a linha do tratado de Tordezelas, perto de dois séculos foi objeto de muitas questões geográficas e reclamações diplomáticas, sendo, aliás o ponto de partida das modernas "teorias matemáticas", fixadas segundo os graus de latitude e longitude.

Na falta de fixides da linha divisória do tratado de Tordezelas, os bandeirantes, caminhando no sentido da longitude, rumo de oeste, conseguiram conquistar para o Brasil essa amplissima região geográfica, que fez a América do Sul voltar a ser para o Ocidente, via Atlântico, enquanto a África do Norte via o Oriente, via Pacífico; rede que veio compensar os brasileiros das das da Califórnia e do Sacramento, e constituir o Brasil o centro de gravidade da futura comunhão e fraternidade entre os povos sul-americanos.

Enquanto houve índios a cultivar e minar a descobrir, os zelandistas não cessaram de avançar o território para o seu rei; mas com a expansão das minas e a substituição do índio pelo branco, no trabalho de mineração, pouco a pouco foi amortecendo o espírito de aventura dos portugueses, que, de bandeirantes, predores de índios e gadores de ouro, se fizeram habitantes de Cuiabá quando não cultivadores da terra.

Ora, sabe-se que é nos centros urbanos as relações sociais não cessam de se multiplicar e desenvolver, à medida que a densidade de população se afirma de modo progressivo.

No dia em que edificou Roma centra, uma profunda transformação política se operou em toda a Itália.

O caso típico dos Irmãos Lemes, filhos de Pedro Leme, o Torto, a princípio temidos e medidos apesar de suas enormes culpas; quando não mortos pelo governador Rodrigo Cesar de Andrade, em suas cartas ao rei, e vice-rei não cessava de lembrar para que os dois candidatos fossem perdidamente galardoados com mercês peculiares e honoríficas, e mais tarde processados, sentenciados e cruelmente assassinados por determinado próprio governador, da bem a entender que passado a época do condottierismo, e que já se consideravam tipos representativos aqueles de bando, tão generosos quanto prepotentes, era uma mistura incongruente de atos crassos e falhas inconfessáveis, heróis que "não recebiam", assim respondendo quando berçano, penhorados pelas suas liberalidades, quando galardoados.

Acomodatício como era Rodrigo de Meneses, teria prestado ouvidos a Sebastião Fernandes, e conseguido do ouvidor Godinho Manso a confissão dos poderosos e opulentos condotieri, se tivesse atmosfera de sentimentos e ideias não envolvidas a sociedade paulista.

Desses homens, descendentes de *serões* gloriosos, escreve o dr. Washington Luis, o presidente recebia cartas de desculpas, de submissão, em linguagem servil e desprezível; representantes, os próprios filhos desses chefes de família respeitados, iam em pessoa rolar-se aos pés do governador, significar-lhe a sua subjeção, a sua lealdade, o desejo de agradar-lhe; e, num rebaixamento que dava a mágoa no coração, manifestar-lhe que estavam prontos para prender os próprios filhos, representante de Dom João V, cujos pais batiam.

Nessas condições não é para admirar que Cachivich, escravo dos Lemes, se constituisse instrumento de ódios e vinganças contra seus donos, e que outros alzões procurassem instalar o exemplo de Cavichy.

Os Irmãos Lemes, João e Lourenço por suas condições de fortuna e laços de parentesco, e personagens de destaque na sociedade paulista, em sua organização interior, em sua economia interna.

Nova fase da vida social surgiu no solo brasiliense, quando paulistas, que levavam o amor próprio ao extremo, sem mediriam as consequências, não só de um instrumento nas mãos do incomum bandido.

Em vez da procura e descoberta de minas, que se preocupavam os *bandeirantes*, agora o que fascinava os espíritos, era a pose real do oeste, que só era capaz de produzir um monstro de perfídia e traição como Sebastião Fernandes.

Com a expedição de Bartolomeu Bueno, de Anhangüera, em busca dos Martírios, a sua cantada que por tanto tempo poveou de fantasia a imaginação dos paulistas, se encerrava o ciclo dos *bandeirantes*, o que lhes restava era uma saudade infunda das travessias artísticas através do velho misterioso.

Eis porque, quando João Leite descrevia a descoberta de ouro do rio Pilões, no passo que a homenagem de seus companheiros resplandecia com fulgurante, o resto de Bartolomeu Bueno se via, carregado de saudades e presentimentos.

# ALEXANDRE VI-

ARTUR ORLANDO

(NO DR. ALFREDO DE TOLEDO)

de um passado que desaparecia para já, o presentamento de um novo estado de vida envolvido em turmas vagas e in-

certas que lheira nas mães de João Leite; na oiro que é filha de Anhangabaú, nascendo com Antônio Pires de Cam-

ão, membro, o filho de outro domador do

mais visto na serra dos Martírios.

Tanto, a estrela dos paulistas não emplalli-

do mundo para em seguida resplande-

cer maior fulgor.

Na matar dos Martírios, incessante fanal dos

domadores que se encaminharam para o poente,

na conquista de Mato Grosso e Goiás, assim

nas quinze das Esmeraldas, consoante guia

mentes, que se dirigiram para o vale de São

Paulo, surgiu o gado faro, onde falhou a per-

da.

Em 10 de outubro de 1825 chegavam Bartolomeu

Bento a S. Paulo com a alicerceira notória

de novo descoberto no centro do país, nos seteões

de ouro, muito ouro, a mercadoria que, no di-

cotomizou, tem o poder mágico de se transformar

em todas as coisas desejáveis e desejadas.

Verá realmente ouro da serra dos Martírios

para descoberto Bartolomeu Bueno?

Então volta o desacordo entre os principais

seculistas, arrebatando Antônio Pres

te que o verdadeiro caminho dos Martírios

era aquela, onde foi fixar residência com seu

filho Bartolomeu Bueno que no des-

covertimento das Golias estava a realizar de

lhe a vontade.

Verá ouro de positivo é que as impensadas

de sua volta muitas almas da Elegância não

eram e gloriosas, onde Antônio Pires de

Martírios e Bueno descobririam o oror

que é o ouro das terras de Mato Grosso

para entala de felicidade, com a desco

berta de Mato Grosso e Golias, o príncipe

da terra — preceito de indio ou caçador de

caçada a artíctico, criador de gado, plantador

e sobretudo, produtor de café.

No princípio do século IX, enquanto a Bahia

vivia annualmente vinte mil caixas de açucar,

cinquenta e quatro mil Rio de Janeiro, nove mil

mil, podia anualmente embarcar para o exterior mil

mil.

No mesma época a Bahia remetia para o es-

tamento dez mil fardos de algodão, Maranhão de-

dezesseis mil, Pernambuco quarenta mil e S. Paulo

cinquenta mil.

S. Paulo antes de tudo tratou de libertar o estô-

mago criando gado e cultivando cereais, e com

Carvalho o leu que em 1817 já não produzia so-

mente para o consumo, exportava gado de toda es-

taba, milho, arroz, faiumá e até trigo e cesteiro.

S. Paulo teve a supreme ventura de, em 1720

descobrir Minas Gerais, em 1738 Santa Catarina

— Rio Grande do Sul, e em 1748 Mato Grosso e

Golias.

Em Minas, sem Golias e sem Mato Grosso, os

pantaneiros deixando de ser bandeirantes, tiveram de

se tornar agricultores, sem que houvessem sido ga-

bandeiros ou fajeadores.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

A Góia e Roma foram nações pobres de mi-

niúas e inferiores. Para obterem o ouro, de que necessi-

tabam, uma e outra tiveram de organizar expedi-

ções conquistas.

Em Minas, sem Golias e sem Mato Grosso, os

pantaneiros deixando de ser bandeirantes, tiveram de

se tornar agricultores, sem que houvessem sido ga-

bandeiros ou fajeadores.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

A Góia e Roma foram nações pobres de mi-

niúas e inferiores. Para obterem o ouro, de que necessi-

tabam, uma e outra tiveram de organizar expedi-

ções conquistas.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

deu, quando, na frase de André Rebouças,

Não se pode dizer que sejam os países atraí-

dos mais ricos os que tiram mais proveito de

seus recursos.

O que não obstante seu poder mágico, o ouro

# O lugar de Artur Orlando na Escola do Recife - (Trecho de estudo)

Ataulfo de Paiva

Tinha havido bastante permuta entre os chefes de vigor e de espírito, ou comunicativa, ou bora, luta e cultivar não poucas alegrias, tendo por isso encontrado entre homens de nome tradições que lhe permitiam o resgate da sua simplicidade, embora delas depois se separasse. José Higino e João Viana eram nesse número. Todavia este jovem a sua ação foi mais energica e mais viva, tendo sofrido particularmente a sua infância. Martins Júnior, Francisco Bessa e Fausto Cardoso que não podem ser esquecidos, e bem em si. Sílvio Romero, que já a esse tempo se fizera professor e se transportava para a Capital, onde viria ser o padrinho da escola que ajudou a criar e desenvolver.

No Recife, porém, o discípulo mais ligado ao mestre, o mais devotado e mesmo mais querido era Artur Orlando. Oferecendo-lhe um exemplar dos "Estudos e Escritos de Filosofia e Crítica", o famoso corteu escrevendo este expressivo dedicatória: "A Artur Orlando, o grande incomparável e incomparável de batalhas, do qual bem poderia dizer o que disse Henri de Lamartine, que somos uns eis de par, invenção, astúcia, quem traz a larga e só quem dirige os corações". E se não haverá exagero no coloquio, o expresso no seu ensaio é a encantadora fraternidade da obediência.

Artur era um combatente, talvez das semplices alegrias, talvez como para a alegria das horas, das revistas, das leituras, das palestras, das discussões, necessário desvanecer-se, e desfazendo-sas, a amargura e os leves inconvenientes, as crónicas mundanas e as estúdios especiais, os golpes malcriados a matar a curiosidade. Espírito sereno, firmeza não obstante, as suas alegrias vivas em um ambiente satírico e o vício da comédia apurando-lhe, desde logo, as suas malas do senhor superior.

Em sua bravamente raivida juventude, ponto logo em alto, era leitora da sua convicção idealista e rebelde a qual se reviu a pleno e sublimante em suas práticas, contribuindo a esse lógo sublimado.

Além para um concurso de teatro, escreveu de improviso uma belissima dissertação sobre o "estilo", em que as teorias de Spencer eram rigorosamente aplicadas. Mas todo o seu esforço oral para integrar a disciplina se desmoronou diante do contraditor, que lhe abatou os vóos pelos comentários da paleologia da história literária e do evolucionismo, pedindo-lhe, num solerte golpe de surpresa, que mostrasse e classificasse umas ódes de Horácio. Orlando possuia o sentimento do ritmo. Parecendo-lhe, entretanto, que desvirtuar o curso das idéias da arte de descrever afim de apontar os versos salteou ou adiante e os pes "ducilos" ou "respondentes", era ameaçá-lo aí a concorrente, reitorzinho por meio de um público protesto, feito com o calor da sua alma de moço. A prova, de seguida, era anulada.

Noutro concurso, na Faculdade de Direito, as idéias novas de que ele era portador causaram um ruidoso escândalo acadêmico, semelhante ao que provocava Sílvio Romero quando, perante a contrariedade do mesmo instituto, declarava, anos atrás, que "a matemática estava morta".

Sabido é que ninguém mais do que Artur Orlando fez timbre especial de usar e abusar de um vocabulário arrebatado e complexo, posto que bem significativo e apropriado

aos princípios que revolucionaram as longevas tendências filosóficas. Até nas expressões e na forma era preciso deduzir tudo das ciências naturais econômicas as quais se deram as mãos para que fosse afirmada a ideia de solidariedade no mundo biológico e social. Ele disso mesmo, nos seus "Novos Estudos", que "a concepção nova da matemática, como uma substância inerte e indestrutível, já não pode satisfazer as vastas largas e extraordinariamente belas do espírito moderno. Este se elevou a um plano superior ao mundo da matéria propriamente dita com as suas conhecidas propriedades cícnicas, físicas, químicas e elétricas, magnéticas".

A dissertação do exame versa sobre "o momento histórico das idéias". É um trabalho profundo e cheio de observações curiosas o que ele produziu. Apesar de se tratar de tese quasi que interamente de Direito positivo, o autor acha nos meios e modos de ensinar tudo o que nasceu das suas idéias reformadoras e revolucionárias, a conectar pôlos de denominações características. Trata-se de problema de "filosofia processual", disse ele logo no princípio da dissertação. Weber, Bergman, Struve, Meyer Savigny, Imbert, La Rave e Gabba so tiveram fantasias subjetivas e invertidas quanto distinções suas. A vida jurídica, como qualquer outra vida, tem formas e funções, e dai uma "morfologia" e uma "histologia" da Direito, influenciando-as reciprocamente, sendo uma e complemento da outra. O conceito de Meissner ampara o concorrente. O princípio da gravidade universal recobrava tanto os letitios do universo, ligando o mais pequeno corpo ao maior através das e para interplanetares, foi a força suprema que expulsa a teoria e a metafísica do governo moral e social como já as expulsara da física da química e da biologia.

Os venerandos e proverbiais professores quiseram conselhos e alarmados, a audaciosa exposição. O candidato prosseguiu, apavorido e sem pensamento. Como era criação histórica, como experiência capitalizada, como produto da ação criativa e Direito nada tem de absurdo, de universal de eterno. A sua relatividade compreende. A sociedade é uma combinação binária de pessoas e de coisas. Ela supõe a riqueza, como supõe a coletividade, como elemento "histológico" do corpo social; a riqueza é de importância capital na vida jurídica. Não sendo a riqueza, em última análise, sendo um aumento de forças diretriz na mudança de lugar e de estado da matéria, seguir-se que a "alma mater" do Direito é a atividade humana. As múltiplas atividades consideram-se milagres perpétuos, inexplicáveis, no seio dos fenômenos "histico-químicos", ou sumamente resultante das forças ordinárias da natureza, de acordo com a concepção materialista do universo. Há uma espécie de equilíbrio. E' a feição do "cosmos" jurídico. O Direito passa a ser a disciplina das atividades sociais.

Artur Orlando vai além. Um recono nunca seria movimento digno da sua probidade científica. E' misto levar a coerência às suas conseqüências derredoras. Afirma ele que deve haver "relação ecológica" entre a "solidariedade do crime" e a "solidariedade do processo". E lança, afinal, esta previsão singular, que causa forte estranheza e chega a fazer época nas rodas acadêmicas do Recife: "As 'ordalias' no processo são provas 'autogenéticas' do desenvolvimento 'filogenético' de direito por meio da luta".

A velha congregação entre-meira transida de esparto. Trava-se acalorada discussão. Há mesmo um desagradável dos assembléas, e o candidato, que preferiu desistir das provas, retirando-se do concurso. E' desse conflito entre o momento "baerckiano" e o espírito clássico, resultou a animação de Orlando, que não mais se quis submeter à demonstrações acadêmicas.

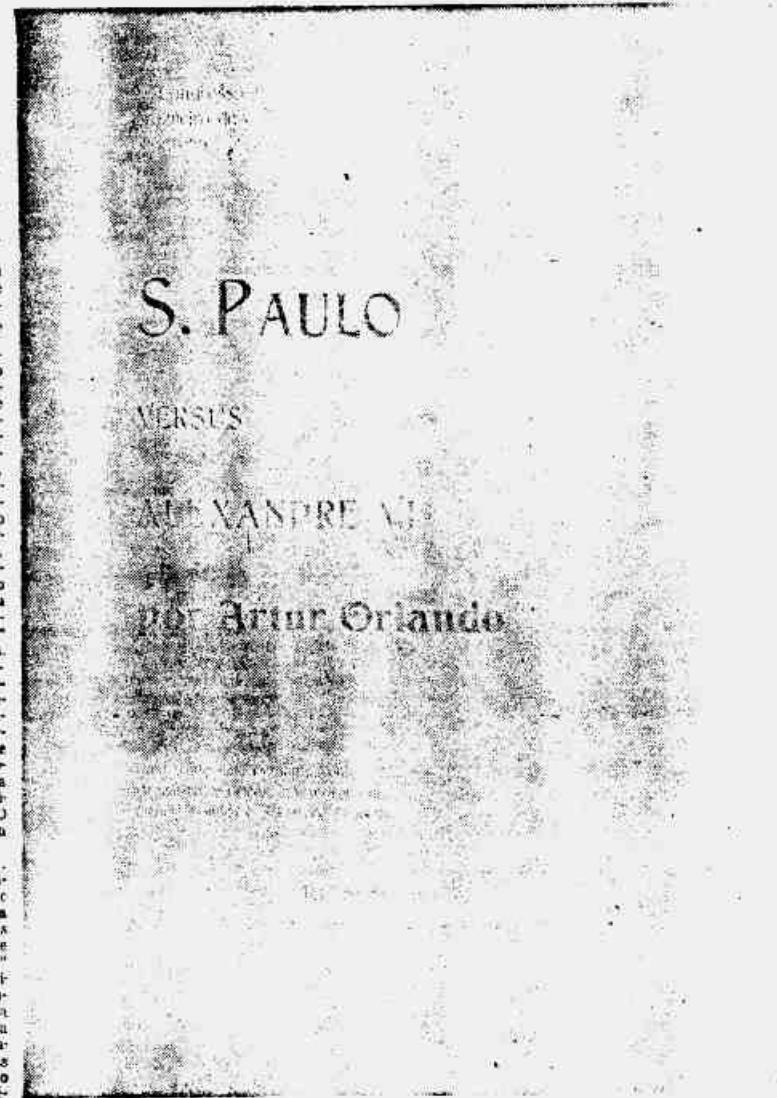
A catedra da Faculdade perdura indubitablemente um grande professor, e Orlando, a seu turno, uma posição condigna; mas nem por isso a euroza esfera da atividade intelectual do ex-concorrente deixaria de se entreabrir em vastos e promissores horizontes. Um largo período de intensa atividade pôe em vivas e eloquentes provas os ricos e interessantes aspectos do seu poderoso espírito, moldado pelas forças resistentes e confortáveis da Natureza, que lhe amava apalhavadamente.

Em certa ocasião, Artur Orlando, explicando os elementos componentes da sua formação literária, diz que mais devia a Natureza e à vida de que aos mestres e aos livros. Dêstes últimos o que mais concorreu para o preparo da sua mentalidade foi a coleção das "fábulas" de Pedro, em cujas páginas se refletiu, como num espejo todas as forças naturais que lhe amavam, provocando-o

riso e curta das legeruras e rituais humanos, lhe feito mais bem à humanidade do que todos os sagrados e favores, morais, éticos, benais, da opinião pública. Como jornalista, naquele mês de junho, depois de longa e intensa laboriosidade, em que as suas impressões, tendo de passar, ao contrário, muitas vezes de inúmeras rotações e das suas cores da cor, a

ao Sr. Oliveira Lima, o clássico de recepção, o que Orlando neste Acadêmico, com o merecido aplauso, lhe produziu uma verdadeira embriaguez intelectual. Kant e Tobias Barreto, Spencer e Silvio Romero gloriam as inclinações da sua filosofia; mas a matéria prima da sua educação foi, através de densas brumas e vagas nebulosidades, a Natureza e sonante ela, com tomo e brilho das suas cores, com toda a elegância das suas formas, com toda a suavidade dos seus perfumes.

Dessas qualidades ardorosas da infância, desordenadas, às vezes, mas sempre opulentas e exuberantes, é que nasceram, vicejando com pompa a graciosidade, os dons preciosos no critico e do literato, do sociólogo, do político, do administrador, mas, sobretudo, do jornalista e do escritor, porque Artur Orlando, servindo-se da sua erudição surpreendente sempre progressiva e fecunda, se extinguia antes de tudo, pelos contínuos e brilhantes contactos de imprensa e, principalmente, pela grande produção musical, estudar e de-



S. PAULO

VERSUS

VANRE VI

Artur Orlando





# A Escola Literária do Recife no último quartel do século XIX -- (CARTA ABERTA A ARTUR ORLANDO)

SYLVIO ROMERO

A leitura de duas publicações, recentemente feitas em vernânculo: "A Cultura Acadêmica", — muito consagrado a Martins Junior, e "Memória Histórica da Faculdade do Recife" — no ano de 1863 — publicações estas, óbvias, e por isso no topo que a cultura das causas-materias é gorda, sob o ponto de vista que tu vou indicar.

É certo de qualquer dessas publicações que distinguem-se na cultura da Juventude, mas qual é o sentimento de nossa literatura no norte é complexo, eu não abrigaria a processar, mas tu vou fazer suas presenças, que te pegou algumas publicações no Diário: assim, porém, na Vida de Recife, ou caso de um tanto de fatura.

Nas primeiras vezes universitárias tinha eu sentimento, ora mais, ora menos desapontante, o que eu mesmo dei, para a Escola Literária da Maturidade, e só na Filosofia no Brasil na Literatura brasileira e a Literatura moderna, no ensino — A Filosofia de Pernambuco em o movimento espiritual brasileiro, a literatura na Literatura Brasileira e no livro sobre Machado de Castro.

Sobre as fases dessa escola, nascendo-nos na história da Literatura (12.º edição, 1.º vol. de 1863, 2.º a 1870), cada permanecendo determinante e indicativa a maior sua natureza, os seus respetivos caminhos.

Entretanto, nas publicações que me rendem o clarejo preciso de se situar o período entre 1863 e 1870, ou seja, o no final desse período de reação cultural e romantismo, tornou-se ou não contra o ecletismo de Coutinho, da predação de novos escritores e científicos, pelo que bem merece o nome de anti-ecletismo (1863-70) e que vai para a terceira fase (1870-1882) em diante até os dias presentes.

Ora, isso é uma classificação invulgarável dos fatos.

É de verdade o diverso ser a história que mais se desconhece, a que fica mais próxima ao tempo em que se vive, porque nem a velha história que já anda escrita, nem a atual a que está a passar... E' exatamente o que se dão com o que eu e Tobias Barreto e vários companheiros praticamos ali em Pernambuco, — de 1865 a 1870, vai por parte de quarenta anos.

Ca no Rio de Janeiro — os in-

imigos dele não lhe falam no nome ou os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, e para dizer os maiores barbarescos, — fazem-me mais do que aquele amigo vinte ou trinta anos, mecer-me no número dos meus alunos na Faculdade do Recife; barbam os rios; contam-me as meias, com o maior desdémamento da natureza e a maior vez doutrinas diversas que sempre estiveram a susentar. Ora,

a verdade é a seguinte, como é triste aminhar muitas vezes: Iúlio José nos precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco anos de sua ação poética, principiada base da escavação do Recife, ou período condoreiro (1863-68). A maior de Iúlio em diante, sendo de ainda aluno da Faculdade e eu também, e que se iniciou a segunda fase da escola, ou período ecletismo. Ali os nomes caminhantes: Nos fuimos simus em Garibaldi. No primeiro período por auxiliários ou rivais a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Júnior e outros de menor valia. No segundo levei-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lages, Geraldo dos Santos, Inácio de Souza, e os mais conhecidos. Em 1871 fui eu para a Escada sem descontinuar, e certo, as lutas. Eu disse: «Se em 1860 e que uixiu o ecletismo, após oito anos da poesia constante».

Em 1862, quando já era eu no Rio de Janeiro leito no Gimnasio Nacional, e que foi iniciada a terceira fase da escola da Rendeira ou Jurídico-filosófico. Ja certamente estava dalli ausente; mas talvez precursor do movimento, com a mesma unesco de tese, em 1873, evidentemente com a dissertação, que já largamente caracterizava os novos horizontes do direito e pregava a sua insuficiência, citando um trecho de von Hartung — da Luisa pelo artigo, — aspirando que veio a ser, mais tarde, uma realidade o concílio, livros e escritos de Tobias nos últimos anos de sua vida.

Os atores, então, além do grande sorprendente, foram José Higino, João Vieira, e logo após — Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando, Martins Júnior, França Pereira, Linhares Freire, João Freitas, Phaeante da Cunha e outras. Lembrando estes fatos, porque a terceira fase da escola não se compreende sem a segunda e erroso é o critério do meu querido amigo Phaeante e dos escritores da Cultura acadêmica, quando an-

timos dele não lhe falam no nome ou os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, e para dizer os maiores barbarescos, — fazem-me mais do que aquele amigo vinte ou trinta anos, mecer-me no número dos meus alunos na Faculdade do Recife; barbam os rios; contam-me as meias, com o maior desdémamento da natureza e a maior vez doutrinas diversas que sempre estiveram a susentar. Ora,

Toucas influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas três fases de sua vida, pelo espírito de reação, pela intuição crítica, pelo temperamento de luta e não por um complexo de ideias feitas, reduzidas a sistema.

Destarte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado dele nas doutrinas mais sérias. Em poesia — ele foi pelo romanticismo de Hugo; eu — pelo científicismo, seguido mais tarde por Martins Júnior, e contra o romantismo que atacou com força. Em crítica literária — ele foi pelo alemão, como costou a ser imitado pelos brasileiros; eu — do alemão só aceitava a influência histórica da raça germânica e o seu espírito crítico. Ele era em letras preferentemente pelos assuntos estrangeiros; eu, pelos nacionais. Me desdenhava da poesia popular e da etnografia, como base das reproduções qualquer dos povos; eu atraía-me a ambos, como base para a compreensão da vida nacional. Em crítica Histórica — eu era por Buckle; ele não era secretário deste grande inglês. Em filosofia — eu fui, depois de procurar um caminho separado, por Herbert Spencer. Toucas não admirava este notável sujeito, ao qual antepunha Hegel e Nôtre, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em filosofia do direito ele foi pelo transformismo haeceliano e monista, nelesteira em toda a linha; eu — por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Fisionomia, ele não admira a psicologia e a sociologia como ciências, no que, desde muito cedo, não a pude acompanhar. Nossa ação leve, pois, pontos de contacto e linhas de divergência que só uma crítica obtusa desconheceria. Em 1879, eu no *Contra a Hipocrisia* e eu no *Repórter*, a propo-



Artur Orlando, em um traço de ENOIA

sito de umas censuras estapafurdas que nos fez o dr. Antônio H. de Souza Bandeira, indicar as várias dessas linhas de divergência e desses pontos de acordo. Esta é a verdade e nós só queríamos a verdade.

Escrivendo o período condoreiro, fui fã em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Júnior, Castro Rabello e alguns mais; escrever o período — crítico-filosófico, ou, antes, saltar por ele, e não falar no meu nome, no de Celso de Magalhães, no de Souza Pinto, no de Pereira Lages, no de Geraldo dos Santos, no de Inácio de Souza e diversos, é como escrever do período puramente jurídico, e não falar em José Higino, em João Vieira, Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior, Artur Orlando e outros. Isto é, praticar um puro disparate.

A Phaeante, é justo declará-lo, sou grato, por que, mui de leve e sem o cabal aproveitamento do

fato é certo, aludiu à minha defesa de teses em 1875 e no escândalo por ela causado. (Memória Histórica, pág. 12).

Outro tanto não posso dizer dos que ai fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o próprio Tobias, nos Estados Alemães, quem primeiro no Brasil atacou o transformismo, fui também que, bem antes de Martins Júnior, falei em poesia científica, como eu mesmo confessa, no seu opúsculo que tem este título.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressionou. Tal o protesto que tinha a fazer, inútil para os que (como tu e o incomparável Clóvis) conhecem toda a minha vida espiritual e todos os meus escritos, mas indumentável para novas gerações por quem deseja ser julgado com pleno conhecimento de causa.

Outubro de 1904.

(Outros estudos de Literatura Contemporânea).

lidade política e daí o livro elaborado, que traduz, como todos os seus predecessores a superioridade da nossa visão e reflete o altruísmo dos nossos pensamentos, mas não registra suficientemente a intensidade das correntes dominantes do egoísmo, patente nas nações como entre os indivíduos, mais forte ali naquelas porque dispõe de meios mais abundantes e mais eficazes de se manifestar.

Não pretendendo absolutamente ameaçar a atividade política. Vós próprio dais testemunha, no território doméstico, de que ela pode ser exercida com dinamismo e posso antecessor na cadeira que tão dignamente vingue ocupar, o conselheiro barão da Língua, foi, conforme assinalaste com sinceridade e com eloquência no elogio que acabamos de ouvir com simpatia calorosa pela memória dele e pelo respeito à sua pessoa, um belo exemplo de integridade pública e de lealdade política.

Quanto ao seu aspecto internacional, seria mal cubrir o momento de pô-lo em suspeição, quando acabamos de presenciar o formoso espetáculo de todos os países vizinhos do globo concurvando-se no intento de promover a conservação entre si da paz, e, na pior hipótese, de reduzirem ao mínimo os males da guerra. Se todos os derradeiros propósitos dessa reunião se tivessem cumprido, é que a humanidade estaria instruída e mudada, e que o reinado da perfeita equidade e bondade haveria substituído o da parental iniquidade e malignidade.

Penso, entretanto, bastante para evidenciar a boa vontade geral, deixou-se de fazer o que implicaria o prolongamento da desigualdade moral, consagrando a desigualdade política. A diplomacia contou, pois, desta vez uma vitória certa, não um simulacro de vitória como os que por vezes apregoa contra frutos reais da sua diferença.

Não vos é desconhecida, sei mesmo que parti-

lhais minhas carências de preconceitos com relação à diplomacia. Se é irreverência não a julgar uma ciência esotérica, fechada aos profanos, de demorada e penosa iniciação, somos nós os culpados desse pecado. As frivolidades mais fúteis podem, de resto, requerer um longo aprendizado, exigir uma educação especial.

No Japão a arte de dispor as flores em vaso segundo preceitos tradicionais, em correspondência com intrincados simbolismos, leva para adquirir-se seis anos, tantos quantos trabalhou Józé para alcançar aquela, e ainda foi logrado, como algumas vezes o são também os países na pessoa dos diplomatas. As "geishas" consumem nos estudos das mesuras, das danças cívicas, das canções monótonas, dos gestos, dos sentidos e ciências de "chan-no-yu" tantos anos de adolescência quanto a juventude gastam os secretários de legação em aprender os primores de elegância indispensáveis para borboletar nos salões e suspistar nas alcovas.

Não é esse, porém, o gênero de diplomacia que, mais almejado, ganha as batalhas da civilização e, mais modesta, faz conquistas econômicas. Esta outra diplomacia, que não será a da acepção vulgar, mas é de certa a da acepção superior, está ao alcance de todo a gente que somente tiver inteligência, criterio e boa educação. Ainda esta em alguns casos pode ser dispensada, mas dos dois outros previdos é que não se pode dar a omisão.

Diplomacia, e por vezes da mais consumada, não temos nós todos de empregar cada dia nas relações de sociedade, no conflito de interesses que de todos os tempos foi a vida? A aplicação nos assuntos quotidianos dessa forma particular da atitude humana — não chama por acaso diplomacia ao jeito de compor as circunstâncias adversas? — pode variar de grau, de intensidade, de individual para individuo;

na essência é uma só, idêntica a sua aplicação aos problemas transcendentes da política.

Também na essência é idêntica a vibração que se propaga das estrofes candentes de sensualismo de Jaqueira Freire, das décimas impregnadas de repulso humanitário ou das oitavas tímidas de afeitos íntimos de Franklin Doria, dos possos excelentes ensaios sobre a morte e sobre a vida, sobre os questões insolubles do universo e sobre os anseios do espírito. Tema eterno da filosofia.

Vós mesmo recordastes que se história e política, como acontece na Heidegger, é filosofia, já se não fazem em verso, o que é para todos os poetas modernos valerem os rápidos gregos, a poesia house que se infiltrar na prosa para dotá-la do ritmo, fornecê-la de imagens, provê-la de colorido. A filosofia levara ela o resíduo imaginativo que lhe não contrariou, antes favoreceu a evolução, começando por lhe não alterar a natureza.

Que seria da ciência sem a imaginação, a imaginação que lhe descerca os horizontes, que lhe acusa com a realidade quando apenas se exerce a possibilidade, que a consola e sustenta nas horas de desatenção, que lhe promete e assegura um progresso incessante? A imaginação é um trago comum na humanidade. Imaginativos foram os dois poetas de inspiração e de gosto que estudastes com rara conciença e celebrastes com um carinho que a todos nos comoveu, como imaginativo sois vós, que nos dados possíveis da ciência buscas a substância de elucubrações que não podem deixar de ser chamada metafísicas, pois que não são além da realidade imanente do mundo tangível.

Ora, a metafísica é a imaginação posta ao serviço da especulação filosófica, e esta especulação o maior título de glória do espírito humano.

# O ROMANCE CON- TEMPORANEO

Artur Orlando

A Literatura vive em uma expo-  
sição contínua, em um re-  
volto e o perpétuo.

Não seria difícil provar que  
Flaubert provém de Chateau-  
brand, Bernardin de Saint-  
Pierre de Fénelon.

Mas em que sentido se opõe  
a transformação da litera-  
tura?

A vista do estado atual será  
possível determinar a sua fei-  
ção futura?

Alguém já disse que a razão  
de ser da crítica, consistindo  
em conhecer o presente e pre-  
ver o futuro, a missão do cri-  
tico é apanhar a corrente li-  
terária em sua passagem, in-  
terrogá-la, aprofundá-la, de-  
terminar-lhe a direção.

Mas, se lançarmos as vistas  
sobre os diversos ramos de li-  
teratura, especialmente sobre o  
romance, veremos que o natu-  
ralismo está condenado a desap-  
parecer, como desapareceu o  
realismo.

A preocupação constante do  
sistema a que nos referimos  
tem sido fazer filiologia na  
arte.

Claude Bernard é o sumo  
pontífice da escola.

O sangue e a carne consti-  
tuem todo o objeto de estudo,  
enquanto se detra em comple-  
to esgotamento e abandono a  
vida interior com as suas pro-  
fundas e variadas manifesta-  
ções.

A sua é a proposta de miséria  
— "Grenadine" — aí está para  
provar o que afirmou.

E com sangue podre que têm  
sido escritas as mais rutilantes  
páginas do naturalismo.

Quando não é sangue podre,  
seria de fato o "rit" como em  
"Terre", ou a nudez impudica  
como em "Jou de force".

Os macacos, as matas, as  
penitenciárias, os hospitais  
têm sido miraculosamente magis-  
tralmente descritos. Entretan-  
to, por mais que os naturalis-  
tas evoluem as suas constru-  
ções, por mais que alarguem a  
área das suas longas e nitidas  
descrições, a ponto de Zola  
apresentar sob o nome de ro-  
mance, "Débâcle", esta detala-  
da narração de duas gigan-  
tescas polícias nacionais em  
guerra, o leitor sente-se vici-  
mo da mistificação, conve-  
niente que o alvo do naturalismo não  
é senão impôr-se ao espírito  
por estupradoras descrições.

Nem se diga que Zola e seus  
discípulos entregam-se a este  
expediente para mostrar a in-  
fluência do meio, como faz, por  
exemplo, Taine, que explica  
Rembrandt pelo ausência de sol,  
porque, convenha não es-  
quecer que entre os naturalistas  
o meio é o principal elemento,

em face no qual desaparecem to-  
das as idéias, sentimentos e vo-  
lúes.

Em "Débâcle", a representa-  
ção da guerra é a centelha  
mesma da obra, ao passo que  
em "Guerra e Paz", de Leo  
Tolstoi, as numerosas narrações

Arthur Orlando

Arthur Orlando

scrip. j.

A. Orlando

Voto em Dr. Arthur Orlando

Marcelo de Almeida

Para preenchimento de vaga  
Boaventura vota em  
Arthur Orlando

27 de junho de 1907  
M. de Oliveira Lima

A. Orlando Arthur Orlando

O documento que aqui publicamos tem uma grande importância — até mesmo como fixação de um capítulo dos mais relevantes da história da Academia Brasileira de Letras... Trata-se de uma votação de votos, enviados a Arthur Orlando, na ocasião em que ele foi candidato, na vaga de Barão de Largo, Vérmelho — assassinado — os votos que eram encabeçados. E' curioso verificar alguns deles. — O presidente da cosa o grande Machado de Assis, escreveu, resumidamente: Voto no Sr. Artur Orlando. — Oliveira Lima, um homem desavrido, que poucos anos depois, quando a Academia tendia receber a herança Alves, criou o setor de presenças, rompeu com a instituição, afirmando que ela era rompendo o misterio — era singularmente explícito: "Para preenchimento de vaga do Barão de Largo, voto em Artur Orlando. 27 de junho de 1907". — Enfim, um enigmático nome da Diretoria, o grande juiz da Clássica Beriloque não trepidando em assinar o seu voto. Esse era o sistema, duro e sem subtiguidade, em matéria eleitoral, que a Academia Brasileira de Letras adotava em seus tempos idos. Havia predominio o critério oposto — o de ruim — e a verdade é que, à luz das disposições atuais, a eleição de Artur Orlando (como aliás todas as daquele tempo) seria uma eleição nula...

das batalhas de Schoengraber, de Austerlitz, de Borodino, não são feitas senão para realçarem a fisionomia e o espírito daqueles originais figuras tão ricas de vida interior.

Assim o que caracteriza o notável escritor russo é o tom hu-  
mano, o traço fisiológico de suas grandiosas criações, en-  
quanto que Zola esquece quasi sempre as qualidades e mor-  
amentos da alma pelas cenas ex-  
teriorizes, pelas puras descri-  
ções.

Entretanto, sempre confes-  
sar, na França, onde a escola  
naturalista tem o seu berço, a  
fórmula não tem permanecido  
fixa e inalterável como um dog-  
ma.

Em Guy de Maupassant já se  
encontra menos seguidão de  
seiva pessoal, humana.

E' com um tanto de firmeza  
e precisão que o autor de "Une Vie", "Bel Ami", Forc comme la  
Mort", faz a análise interior.

A sua psicologia, porém, limi-  
ta-se a um estado da alma, a  
uma paixão, a uma ilusão, a  
um acidente; não é o estudo do  
ser humano em toda a opulen-  
cia de sua vida, em toda a ex-  
tensão de sua existência.

Psicólogo mais profundo do  
que Guy de Maupassant, Paul  
Bourget diagnostica com muita  
felicidade as moléstias morais:  
mas falta-lhe aquela ternura  
penetrante, a quella piedade  
puras, que é um encanto  
nas produções de Dostoevsky.

Antony Blondel, regredido  
contra a esperada influência  
do mito, no "Romance de um  
mestre escola", ensaiou apunhar

a natureza humana, no que ela  
tem de instável e ondulante;  
mas a sua psicologia é mais in-  
tuitiva do que humana, não en-  
carando as questões sendo pelo  
lado filosófico, fazendo pre-  
ponderar sempre a reflexão so-  
bre todos os outros movimen-  
tos da alma.

Como o "Romance de um mestre  
escola", escritos em redação  
nos exageros do mesologismo  
não "Courte à la mort" e "Sous  
de la vie", de Eduardo Rod;

"Sous l'œil des Barbare" e "Un  
homme libre", de Mauricio Bo-  
réz; "Cognac de Lucie", de Al-  
berto Bratton; "Nuits de Tri-  
sion Noct", de Julio Tellier;

"Ames de verre" de Maurice  
Beauchamp.

Finalmente, o adorável Jules  
Cacas, esse solitário tão rico de

esperança, tão velho de  
priscínia e de trivialidade da  
vida ordinária, produz "Pouet  
rouge" e "Ame en prime", duas  
obras primas, cujo estilo si-  
duiano parece uma espécie de  
música encantada a transfor-  
mar o espírito do leitor para as  
mais elevadas reüsses da po-  
esia.

Do exposto vê-se que a mo-  
derna corrente literária, desde o  
realismo com a sua fulsa exa-  
cepção da natureza, elê ao ideal-  
ismo, que restringe a arte a um  
exclusivo posto de vista phi-  
losófico, continua no sentido des-  
te subjetivismo superior que  
faz o homem encarar em si  
mesmo o seu último oráculo e bus-  
car no âmago da sua persona  
natureza a flor da sua ultima  
esperança.

# A CIÉNCIA E A ARTE

**Artur Orlando Bibliografia de Artur Orlando**

(Continuação da página 27)

o gosto da liberdade contra a lei; a ciência o espírito científico; a arte, o gosto que o homem tem de exercer liberdade e risso a sua criatividade, ligada à liberdade individual.

O resultado é que é preciso a ciência exercer a liberdade e o homem tem de exercer criatividade no trabalho de desenvolvimento das coisas materiais que envolvem o homem em todos os estilos.

Quando considera: "Mme. Elvey uma leão ou paleontologia", Georges Cauvy fazia ciência em seus estudos, quando o Romance Experimental; e o próprio Daudet, quando fala num teatro artístico, não se exime de pertencer também

à ciência, mas é verdade que não se faz mais filosofia, nem ciência, nem poesia, nem pintura, mas é o principal conteúdo da arte.

A liberdade não é mais um habilitante, mas transformado em liberdade, porém, passa a ser considerado um tratado de opinião.

Quando preocupa o artista é descobrir em vez de eriar. A arte é ainda um produto menos de ingenuidade do que de ciência.

Se lese que falando em inspiração não tenho em vista as quimeras da fantasia, a inspiração a que me refiro é a inspiração antecipada da evolução hiper-organica.

A própria ciência, porém, encarregou-se de mostrar a falsidade na concepção naturalista na literatura.

Não só conhecemos a natureza tal como ela realmente é, mas sonhamos como ela existe em relação a nós.

Sua realidade, o que sabemos das qualidades intrínsecas das coisas, mais ou menos textualmente de Clémence Reyer:

"Na realidade, o que sabemos das qualidades intrínsecas das coisas é das relações que elas têm entre si; que não exte-

ram a existência dependente das relações dessas coisas para coisas."

Assim, tememos para exemplo um objeto vermelho e interpretamos se ele é realmente vermelho.

A ciência não está para recusar, apoiando-se sobre a ciência e a observação dos fatos que corpo algum é vermelho para nos ou para qualquer outro animal ou, possivelmente, é vermelho cinzento como é na natureza, não para responder que o vermelho não é, como todas as outras coisas, senão um certo movimento vibratório das matérias materiais ou da cinesfera clara, de que se expressam certas qualidades.

Então que os rios que nos chegam são de vermelho, não exercem o efeito mais considerável e uma rápida corrente menor do que os rios que não são a semente da vida.

Entendendo, por exemplo, de certas vieneses de arte orgânicas, que neelas que se passam vieneses vermelhas, entende-se que elas são a semente da vida.

Por Raymond não é mesmo esquecível quando escreve: "As as qualidades que distinguem o material da ideia". A palavra de Moyra — a lucidez — é um erro de leitura. A lucidez não é a ideia, é a ideia. As as qualidades que distingue o vermelho da poeira, da poeira visível vermelho de vermelho da poeira poeira, da poeira de rosa e do Grãos Mude, sombria em si, sem nenhuma das propriedades que dão ao material de um certo tipo de objecto, tal é o mundo como os inventários de livros e livros mercânicos nos recordam. Em termos de nome da matéria, não conheço critico as vantagens de uma matéria prima, despedida de toda a propriedade que era poeira, era sombra, é todo o pôco."

Herbert Spencer diz: "O conceito que formamos da mate-

ria, não é tanto o símbolo de alguma forma de um poder de nos dominar, e totalmente desconhecido, é um símbolo que nos permite super-somelhante à realidade sem darmos em excesso tempo."

Spencer Mill considera a matéria apenas como "uma possibilidade permanente de ação", e para Lange "a experiência não é uma porta aberta pela qual os objetos exteriores invadem-nos, possam introduzir-se em nós, mas um processo, através do qual se produz em nós a aparição das coisas".

Spinoza, contudo, o autor da História do Materialismo, quando vivia, um escravado, um homem encara uma árvore, há quatro árvores? Há quatro representações de uma árvore, provavelmente muito diferentes uma das outras; mas elas referem-se a um só e mesmo objeto, que cada ser tomado à parte pode saber como é conformado em si, porque não conhece sentido a representação individual que dele tem?

Todas estas citações fornecidas em sua maioria por Gabriel Sarrasin, mostram a ilusão dos teóricos e práticos do naturalismo na literatura, quando em suas produções pretendem dar-nos a realidade das coisas com a pintura do fenômeno, com a representação do objeto exterior.

Mas ainda mesmo que na arte fosse possível fazer a equação perfeita para apresentar a natureza em sua objetividade nítida, despidas de toda a roupagem subjetiva, há uma consideração que não deixa a menor dúvida sobre o absurdo da pretensão científica do naturalismo na literatura.

O que fazem os literatos naturalistas? Estudam o fenômeno físico ou psicológico, Bem: mas com que fim?

O sabio tem em vista, com a análise e observação dos fatos, a descoberta de alguma lei, que é o que constitui propriamente a ciência. O que vira, porém, o literato naturalista? O abstrato! Não, porque a arte, qualquer que seja, é sua manifestação, não passa de um processo de concretização.

A ciência eleva à categoria de lei o que abstrai, a arte concretiza o que é ideal.

A ciência e a arte seguem caminhos opostos: aquela parte de concreto para o abstrato, esta reveste de forma sensível a natureza intima.

O sábio observa a natureza para descobrir leis, e assim procedendo, tem cumprido a sua tarefa; mas o literato, descrevendo fatos sem outro resultado que a representação concreta das coisas, terá feito ciência?

"Não dando lugar em suas obras senão a realidades visíveis, nota Gustavo Lasson, elas (as romances naturalistas) creem fazer uma obra verdadeira; não percebem que este materialismo os deixa ainda mais longe da verdadeira ciência do que da grande arte, e que a sua imaginação não se apoderou na natureza sólida daquilo de que a ciência procura desfazer-se como não sendo matéria de ciência."

Assim é que o literato mais pre-

cioso e fecundo para a humanidade tem sido D. Quixote, do imortal Cervantes, que con-

tece rir e fazer rir à costa das misérias e ridículos do homem, o mais valioso, hipocrata e in-

contrário dos animais.

(Almanaque Garnier — 1907).

## Correspondência de escritores

Carta de Graça Aranha a

Sousa Bandeira

Petrópolis, 13 de Janeiro de 1907.

Meu caro Sousa Bandeira, — Não é resposta a sua consoladora carta da Tijuca. É um rápido apêlo que faço pela arte neste país. Há uma lei municipal que proíbe de regular as bases para o arranjoamento do teatro municipal. O modelo adotado é o régimen da Comédia Francesa combinado com o da Ópera de Paris. No Brasil a proteção, e mesmo a intervenção do Estado, é indispensável em tudo. Para que esta lei passe, e que foi projeto do Luis de Castro, treze milha intervenção obtendo o devido apoio do Barão do Rio Branco. O ponto de vista do nosso Ministro era a necessidade de se criar uma escola de atores Grammatical e de ópera lírica, e, atualmente, um grande interesse em ser criadas a ópera Adelberto Nepomuceno por ocasião da visita de D. Carlos (1). O Luis de Castro é o homem indicado para a direção de teatro. Parece, porém, que o general Aranha (2) não quer fazer o contrato com ele por cinco anos, e como determina a lei num sentido de se poder formar aquelas escolas de teatro, e que sede o palco municipal apenas por 10 dias! Não quer assentir. É possível que se organize uma troupe europeia para vir no Brasil cantar óperas, e entre elas uma translação de Inédita, apenas para 10 récitas? O Barão tem muito emprego na representação da ópera nacional e foi pelo motivo e decisão dele que o Conselho do Prefeito pediu-lhe em nome daquela a quem servimos que elucidasse o general Aguirre com o seu belo andar. O mais simples é cumprir-se a lei. — Ten Graça Aranha

(1) Então, rei de Portugal.  
(2) Francisco Marcellino de Souza Aranha, presidente do Distrito Federal.

## Não te esqueças de mim

CARLOS LEAO

Não te esqueças de mim, quando posares

Das ilusões da vida o termo alago;

— Alvo bando de pegas que nem sempre

Voltam mais de uma vez ao mesmo laço!

Se dentre as sombras que o teu vulto regem  
Alguma aparecer-te a cada instante,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que vai ansiosa te seguir avante!

Não te esqueças de mim, quando a tardinha

Velar o coração teu a tristeza

Que a terra envolve, como um crepe imbrinca,

Nessas horas de ténica incerteza!

Se dentre as sombras que o teu rosto molha  
Alguma a ti chegar, que alem não passa,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que vai ansiosa te beijar a face!

Não te esqueças de mim, quando cita noite

Reclinada em teu leito de cama

Vires passar a legião dos sonhos

Ajagando-te a fronte pura e bela.

Se dentre as sombras que o teu sono centua  
Alguma te abraçar palida e louca,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que vai ansiosa te beijar a boca!

Não te esqueças de mim, quando a alvorada

Faz te abrir essas pálpebras mornas,

Como o gênio da noite abre as estrelas,

Como a luz das estrelas abre as rosas!

Se dentre as sombras que se esvazem prestes

Alguma te ficar em mingu enciuma,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que vai ansiosa te beijar o seio!

Não te esqueças de mim, quando no templo

Se elevar do teu peito a ardente prece,

— Salmo de amor, de glória e de harmonia

Em que a Deus a tua alma se oferece;

Se dentre as sombras que das navegem

Alguma se precisar enjunto cantar,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que ansiosa te vai beijar as plantas.

Não te esqueças de mim, quando mais tarde,

— Meus restos então me compa imerso —

No azul do céu óia tua fantasia

Triste o bando passar destas meus versos!

Se dentre as sombras que na terra vayan

Alguma aparecer-te em socha infinda,

Não te esqueças de mim, pois é minh'alma.

Que ainda tu tens e que te segue ainda!

Sete, 1907



ARTUR ORLANDO

# "O SANGUE DAS HORAS" O acôrdo ortográfico

ROBERTO ALVIM CORREIA

Não precisamos de muita coisa para identificarmos um poeta, três ou quatro palavras podem bastar. Assim, ao receber o último livro de Cassiano Ricardo, nem mesmo sabia qual era o gênero abordado por ele, mas "O Sangue das Horas" (1) era um título de poeta.

Pois a imagem sugere algo que presentinhos vital para o autor. "O Sangue das Horas" é o que corre no tempo como o sangue nas veias e o que subsiste de vida em nós quando passaram as horas. E' ainda aquilo que está gravado com um vícto na sensibilidade do poeta. Por isso adquire um título como este a significação de um modo de conceber a poesia, de uma arte poética, de um manifesto. Quem intitula um livro de poemas "O Sangue das Horas", não pode ter uma conceção parnassiana da poesia, da arte pela arte, da arte gratuita, não é um poeta que escreve para se distrair, para passar o tempo, mas sim por estar intimamente ligado aos seus poemas, por sentir profundamente as coisas, por estar ferido por elas, marcado tatuado por uma ponta de fogo que deixa na carne os vestígios azuis e indeleis do sofrimento e do amor.

A poesia é a respiração da alma. Por isso Cassiano Ricardo acabou por ser o contrário do poeta disponível e, hoje, o poeta que escreve para não afundar que joga na poesia o mais inelutável de si mesmo, o mais imprescindível e o mais profundo.

Como todos os seus pares, ele carrega ferozmente em si um mundo pesado e negro, libertado momentaneamente pela expressão mímica, até que nela se acunha novamente essa cativante ardor que faz o poeta, como um dente na canina procurar um pouco dessa frescura trazida pela lembrança da infância, de um sorriso claro ou de uma noite estrelada.

A busca da frescura é a da própria poesia. Tive consciência disso no dia já longínquo — faz exatamente um quarto de século — que deparei com um título de um dos livros desse imenso romancista-poeta que foi Marcel Proust. O título era "A Lombarde des Jeunes Filles en fleurs" e me deixara essa impressão de frescura que desde então procurei na poesia — talvez abusivamente. Não creio, porém. Poeta é quem transforma o abafante em algo de respirável, que da ásia a água, ao corpo, as coisas; que nos revela em dia tortido, a frescura branca de um novo encontro ou o sabor da água viva na sombra; e quem nos dá a impressão de vermos as coisas pela primeira vez, de particularmos de uma descoberta. O próprio da poesia é seu poder de revelação.

Poeta é Cassiano Ricardo quando nos fala de um regato. Não sei se para outros um regato é só uma "corrente de água pouco considerável", como dizem os dicionários, mas para o poeta

...é uma criança.

E' ria que ainda se conserva lamento...

Por isso é que corre matto e não lhe cansa de brincar com o seu próprio destino.

Quem quiser saber, quem foi Cassiano Ricardo terá de recorrer a esses poemas. O poeta está nele, na origem de todos os atos e gestos do homem. A chave secreta está: baseiam-se na observação da realidade. Recorrem

pelo menos tanto à analogia quanto à lógica. Reconhecer o fato não é diminuir o valor do raciocínio, mesmo porque impera nos processos de associação uma utilização do método dedutivo e induutivo pelo menos igual à empregada no discurso em prosa. E' essa utilização, todavia, submetida a um fator como a intuição, a qual origina tanto a ciência quanto a poesia. O que aproxima esta da ciência, ou o que faz, se quiserem, a poesia da ciência e a ciência da poesia, é o infinito que ambar deixam entrever e, neste, uma ordem espiritual. A ciência é a poesia que dá a ideia do infinito forte de nós, a astronomia e matemática; a poesia é o canto do infinito dentro de nós.

Como tudo no homem acaba por ter uma significação moral, fala-se muitas vezes em "demonio" da poesia. E fala-se com tanto mais razão quanto a expressão não corresponde só a uma imagem. Diríamos, em outra ocasião, o percurso e, de fato, a impiedosa descida aos infernos que o vóculo supõe. Assim, e por isso mesmo, a poesia é a prova do subconsciente, bem como de uma abundância emocional, a qual não pode deixar de fornecer à ciência um campo de observações que enriquecem e alargam a nossa noção do humano. A poesia constitui um inesgotável reservatório de impressões, de verdades, de sugestões, de símbolos, de mitologias, de metamorfoses utilizáveis em vários setores do pensamento e da cultura e que acendem em nós o que precisa dormir o longo sono do esquecimento do quieto e do virgin. O poeta é um libertador. Traduz ele, sem dúvida alguma de personalissimo, mas de que participámos bastante para nos comunicarmos com ele. Poesia é o singular que se torna plural, o inutil que é reúndo, e pode ser "o sangue das horas", que é seiva.

E a seiva, como é sabido, vive em determinadas condições. A que corre nos poemas de Cassiano Ricardo resulta de uma estreita e feliz colaboração da sensibilidade com a inteligência, da fantasia com o inevitável, do jogo com o lírico, do brilhante com o profundo, do claro com o sombrio. Há originalmente na sua poesia uma íntima antitese, como em toda grande poesia, linearmente resolvida, porém, por sua tendência para o humor e a harmonia. A lírica de Cassiano Ricardo denuncia uma cosmogonia fornecida pela distribuição de coisas aparentemente heterocílicas, mas que se completam no poeta para expressarem a sua personalidade. Percebe-se nos seus poemas marcos particularmente significativos, tais como estrelas, lua, palmeiras, rios, serras, feixes, caminhos, bichos, buchos e anjos, amados e intensamente sentidos, que tecem a vida do poeta, fazem líricamente de uma teia estrelas, as quais são também palmeiras claras no deserto azul do céu noturno. Imagina-se facilmente o jovem ria no alto da serra que brilha ao luar. A lua é o espelho dos nossos sonhos. A noite está fresca no pinçalito da poesia, que é duas vezes a terra de nosso poeta, e a tela de fundo do seu próprio ser.

Quem quiser saber, quem foi Cassiano Ricardo terá de recorrer a esses poemas. O poeta está nele, na origem de todos os atos e gestos do homem. A chave secreta está: baseiam-se na observação da realidade. Recorrem

A Secretaria da Presidência e no Pequeno Vocabulário da República, em 29 do mês de dezembro de 1943, distribuiu a seguinte nota à imprensa:

Por força da Convenção Ortográfica assinada em Lisboa, o 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, obrigar-se-ão os dois países ao estabelecimento de um mesmo regime ortográfico da língua portuguesa, que seria "que resulta do sistema fixado pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia das Ciências de Lisboa para organização do respetivo vocabulário por acordo entre as duas Academias".

Anteriormente a essa Convenção a Academia Brasileira de Letras aprovou, unanimemente, na sessão de 12 de agosto de 1943, as instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua portuguesa, tendo, consequente as mesmas, organizado um vocabulário que denominou "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", publicado por esta Instituição em 1940.

Tendo em vista a constituição de uma comissão inter-acadêmica para solucionar a matéria, resolveu o presidente da República, depois de prestar entendimento com o governo português, enviar a Portugal uma comissão de acadêmicos credenciados pela Academia Brasileira de Letras, órgão consultivo que é do nosso governo, em matéria ortográfica.

Permita-v-me excluir que lhe fala em nome do presidente da República, que a comissão representativa da Academia Brasileira de Letras, constituída de três ou quatro membros, é a desde logo organizada.

Estou certo de que, dentro de pouco, concluído o respetivo entendimento com a Academia das Ciências de Lisboa e expedito pelo Governo Brasileiro, é necessário ato legislativo, para ater permanentemente e definitivamente a regularização em nosso país como instrumento definitivo da ortografia nacional, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, feito pela Academia Brasileira de Letras e cuja organização representa inestimável serviço prestado à cultura do país.

Tendo ainda em vista que, por força da citada Convenção e a Academia Brasileira de Letras, órgão consultivo do Governo em matéria ortográfica, compreendendo-lhe estudos as questões que se suscitarem na execução da Convenção, resolveu o Senhor Presidente da República enviar a Portugal, com representação especial do Governo, uma comissão de acadêmicos, delegados autorizados da Academia Brasileira de Letras que promoverão e velhão, em entendimento com a Academia das Ciências de Lisboa, a elaboração das bases definitivas da ortografia da língua, assim de que, de acordo com o texto e o espírito da Convenção, possam os dois Governos promover os necessários e finais atos legislativos referentes à matéria.

Espera o Governo que, com essa providência, que resolveu tomar para si qual conta com o apoio da Academia Brasileira de Letras no credenciar e designar os seus representantes, em breve, os dizeres de ambos os países, de comum acordo, estabelecido oficialmente, para uso dos dois povos, um mesmo regime ortográfico, do qual possam decorrer vozes e ritmos sem discrepâncias de grafia".

Na sessão semanal da Academia, realizada em 1º de outubro, o Sr. Mário Leão, presidente da instituição, leu a seguinte carta do Sr. Gustavo Caparros, Ministro da Educação e Saúde:

"Sr. presidente da Academia Brasileira de Letras: Apresento a V. Excia. é a Academia Brasileira de Letras cordialas congratulações pela solução que veio a ser dada pelo Presidente da República à questão ortográfica, ilho do amor, ignora seu destino, construído, como o fogo interior, que purifica. O amor ignora seu poder; destroi, constrói, como o fogo interior, que purifica. O amor, ilho do amor, ignora seu destino, que acaba por pertencer a todos. Assim se evoca o que determina nele a visão de uma palmeira, talvez não saiba Cassiano Ricardo ter fixado finalmente, para um leitor, o sentido das suas buscas aprovadas na sessão de 12 de Agosto de 1943

...a recente publicação.

Por força da Convenção Ortográfica assinada em Lisboa, o 29 de dezembro de 1943 entre o Brasil e Portugal, os dois países ao estabelecimento do princípio da unidade ortográfica entre os dois países, se tornou necessária a revisão da matéria, para o fim de unificar o sistema da língua portuguesa, fixado pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia das Ciências de Lisboa para organização do respetivo vocabulário por acordo entre as duas Academias".

Tendo em vista a constituição de uma comissão inter-acadêmica para solucionar a matéria, resolveu o presidente da República, depois de prestar entendimento com o governo português, enviar a Portugal uma comissão de acadêmicos credenciados pela Academia Brasileira de Letras, órgão consultivo que é do nosso governo, em matéria ortográfica.

Permita-v-me excluir que lhe fala em nome do presidente da República, que a comissão representativa da Academia Brasileira de Letras, constituída de três ou quatro membros, é a desde logo organizada.

Estou certo de que, dentro de pouco, concluído o respetivo entendimento com a Academia das Ciências de Lisboa e expedito pelo Governo Brasileiro, é necessário ato legislativo, para ater permanentemente e definitivamente a regularização em nosso país como instrumento definitivo da ortografia nacional, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, feito pela Academia Brasileira de Letras e cuja organização representa inestimável serviço prestado à cultura do país.

Retiro, por intermédio da v. excia. os meus protestos de apreço e consideração para com a ilustre Casa de Machado de Assis.

Receba os cordais cumprimentos e as expressões de reconhecimento de quem se submete a v. excia. amigo e crata.

(a) Gustavo Caparros"

De acordo com os termos da carta, o presidente designou os srs. Rodolfo Garcia, Clegirio Mariano e Barbosa Lima Soárez, para constituir a comissão que irá a Portugal representar a Academia na elaboração da solução definitiva do acordo ortográfico. O sr. Olegário Mariano propôs sendo aprovado, por aclamação, que o sr. Mário Leão faça parte da comissão.

O sr. José Carlos de Maceió Soárez propôs, sendo também aprovado unanimemente, ato a diretoria agradeça ao presidente da República o ter prestado integralmente a Academia declarando oficiais as indicações para a elaboração do Vocabulário e também o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa elaborado pela mesma Academia.

Por último, o sr. José Carlos de Maceió Soárez propôs, sendo aprovado unanimemente, a designação do professor José de São Nunes, como assessor técnico da comissão.

(Continua na pág. seguinte)

# O FRANCÉS TAUNAY MESTRE DE BRASILIDADE - Ribeiro Couto

22 de fevereiro de 1822 nasceu no Rio de Janeiro Aluízio Augusto Taunay, depois conhecido como Taunay, filho do barão de Taunay e neto da marquesa Nicanor Antônio Taunay que em 1816 chegou ao Brasil como membro da missão artística libertina organizada em Paris pelo embaixador português Marquês de Marialva, apelido do Conde da Barca, ministro de D. João VI. Foi lido durante sua vida o nome de Conde de Taunay.

Uma de seu centenário, no Brasil, seu motivo é que nasceu e em diversas instituições literárias fôsse pauta, em face a sua alta figura de escultor e de homem público a que se aspira se comece a fazer justiça devida.

Influído pelo temperamento criativo e amparado numa rica cultura — a que as raízes naturais e as matemáticas haviam dado o gosto das artes — Taunay tomou parte em muitas campanhas de reformas sociais em que sempre se antecipou ao seu tempo. Daí lhe adveriam compreensões intimidades e amizades; e ate mesmo, em circunstâncias incertas, uma certa polaridade. Ainda que fosse o autor da mais célebre novela brasileira que tocou recente leu, a "Inocência", não se pode dizer que seja um autor do povo. Ou, quando o povo lhe repetiu o nome, é para lembrar apenas o autor de "Inocência". O crítico, o reformador social, o conhecedor de problemas práticos e adepto da imitação, o defensor do casamento civil — fala, está esquecido. Ainda que num plano menor espalharia, a sua individualidade e o estudo de um José Maria da Silva Passos, Visconde do Rio Branco ou um Irineu Evangelista de Sousa, Visconde de Minas, de um José de Alencar ou de um Joaquim Ribeiro, isto é: homens engajados na segunda metade do século XIX, guias da vida social de uma nacionalidade decadente, mas ainda-préia a cultura colonial; homens denunciando privilégios e subordinação da sua época, até certamente exiliados no ambiente europeu que encaravam com entusiasmo realismo e a luta contra os problemas políticos e questões técnicas daquele novo Império quase vazio da organização econômica devido do escravo africano.

Taunay, nascido e educado na Corte, tinha varrido os serviços, tomado contacto com os "vampiros", bebido nas mesmas roupas de fálfas de Flandres, comido do mesmo virado de frango com carne seca. Aquilo que se chama na Europa o "camponês" não pode sugerir sequer o que seja o "caboclo" e "cavalo" do nato brasileiro correspondente aquele tipo de homem rural. Só o "forgotten man" dos norte-americanos se lhe equipara, mas precisamente pelas analogias do meio profissional e das distâncias. Ainda mocinho, Taunay, viu de perto a solidão, a pobreza e o heroísmo desse camponês brasileiro, nas paixões renovadas das Minas Gerais, de Goiás e de Mato Grosso. Viu-o no deserto das suas marchas de engenheiros militares, a pé ou a cavalo, leigos e lègues pelo desengapado, lava marega ou pola floresta, quando uma simples casa de pau-lata surgindo no topo de uma montanha, desperta no peito do viajante a gratulada satisfação da presença humana. Foi essa insupagável experiência que lhe inspirou — nela o fidalgo da capital — o violento e comunicativo amor pelo chão serranejo e pela gente que por lá vive.

Sua curiosidade intelectual não teve fronteiras. Além das teorias de flechaço, escreveram numerosos trabalhos que abrangem os domínios da geografia, pouco tem saído; e é ali, provavelmente, que estará o maior curioso e o mais perigoso dos "Memórias" de Taunay — julgamento de coisas e homens que ainda são de ontem ou mesmo de nosso tempo.

O regime monárquico, a que foi fiel (D. Pedro II fez-lo Vende), extinguido em 15 de novembro de 1889. Quasi dez anos ainda lhe sobreviveu Taunay, falecido a 25 de janeiro de 1890. Nunca cessou de se corresponder com o Imperador no exílio e de sonhar com a restauração. Naquela fase de reconstrução política, quando as paixões jacubinas eram muito vivas, o monarquismo de Taunay agravou a fama (injusta) que o cercava de ser pessoalmente "um pouco estrangeiro" apesar do nacionalismo da sua obra. Entretanto nunca os escritores deixaram de estimá-lo de considerável autor de grande mérito na lírica de José de Alencar (trajos românticos lhe serviram de molde). Ainda está por fazer um estudo sério, que ponha em termos de comparação o seu estilo e a sua arte com o estilo e a arte de José de Alencar. Ainda há três anos quando a "Revista do Brasil" consagrava um número especial ao romance brasileiro o ensaio de D. Luís Miguel Pereira sobre Franklin Távora, Taunay e Domingos Olímpio, reduz o campo de análise da obra de Taunay à novela "Inocência", deixando completamente de lado os outros romances do autor, como "Ouro sobre Azul" e "Declínio", que contém, quer-me parecer, a parte mais substancial daquela obra. Foi precisamente nesses romances que Taunay aplicou a "lição Alencar", vindo a ser, a certos respeitos, o seu maior ênimo nessa fase da "romântica" da ficção brasileira.

Taunay foi um dos meus autores prediletos no tempo das primeiras leituras, em mentad. A mais de trinta anos de distância, ainda tenho presente o gosto que me davam reunidas no volume "Ouro sobre Azul". Fiquei-me, deles, uma recordação de rara simplicidade de delineado de sentimentos não personagens, um viver pincelado e direto que não exalta o teatro de palcos; e, a vista, a palugem caótica, com suas charcas, suas palmeiras, aquela represa de muros verdes ao sol ardente. Pode ser que, em voltando a essa leitura, eu modifique um tanto as minhas impressões; pelo menos não teria os mesmos estímulos de alma de memória, quando um escritor se encorpora ao novo pequeno e inóspito mundo de prazeres existidos no mesmo plano de outros escritos: o rapaz de maio em que há muitos sambas para arrancar arrepios; o tecido de prata em que há uma canja abandonada e na qual se pode fazer uma escarpa pelo mar; o muri da chácara que tem umas pedras esborrachadas, por onde a gente passa, para furtar galinhas. Taunay era meu, era do meu só que não regressou da escola e fechava no quarto e sonhava: "Ministério de uma mulher..."

Ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, algum tempo antes de morrer, Taunay cedeu os manuscritos das suas copiosas "Memórias", cuja publicação só deveria ser feita dentro de 22 de fevereiro de 1942, se os seus descendentes assim o entendessem. Essas memórias do Visconde, seu bastardo filho, o historiador Afonso Taunay, já tem publicado alguns trechos, mas tem publicado quasi que só a parte relativa às expedições militares e às viagens seteanejas por causa da guerra contra o Paraguai. Quanto à parte referente ao fim do Império e aos primeiros anos da República,

que ainda não tem saído; e é ali, provavelmente, que estará o mais curioso e o mais perigoso dos "Memórias" de Taunay — julgamento de coisas e homens que ainda são de ontem ou mesmo de nosso tempo.

Interessante carreira a sua. No prefácio da tradução portuguesa, feita pelo Barão de Ribeira Galvão do mais célebre dos seus livros — "A Retirada de Laguna" — narrativa militar escrita originalmente em francês, encontra os dados biográficos essenciais para estas notas.

"Tende ascendente preça no exército em 1861, seguidos o curso de artilleria em 1865 na Escola Militar, quando as armadas da guerra do Paraguai o chamaram ao campo da peleja. De 1865 a 1867 foi membro e secretário da comissão de engenharia dessa infeliz expedição em Mato Grosso, que acabou pela célebre retirada de Laguna, maravilhosamente descrita por ele próprio neste livro. Em 1868, já capitão, acompanhou o general almeida sua idéia de homem de Estado, o Visconde de Taunay tinha contra si e o dom literário e talento de fiação. Ora sob o pseudônimo de Silvio Dinarte, ora sob o de Heitor Malheiros, publicou em 1871, "A Moçidade de Trajano", romance; em 1872, "Inocência", romance; em 1873, "Lágrimas do coração", "Manuscrito de uma mulher", romance; em 1874, "Ouro sobre azul", romance; em 1874, "Histórias brasileiras"; em 1882, "Ceu e terras do Brasil"; em 1886, "O encilhamento" tro-

lhas os casamentos civis e mance que descreve o Rio de Janeiro por ocasião da grande crise financeira dos primários anos da República; e em 1898, poucos meses antes de morrer, vacina alienigena para viver e prosperar."

O que Taunay queria para o seu país — que lhe conhecia não do gabinete, entre enciclopédias, mas por haver convivido com a massa rural, em longínquos rincões sertanejos — o que queria era um aceleramento do processo demográfico, uma aclimatação e aculturação de vastas massas imigratórias saudáveis para sabia, pela experiência da sua própria família e do seu próprio sangue, que para ser "brasileiro" o que conta não é a origem, mas esse inefável sentir que vem do chão e do ar, essa mistica ambiente, avivada pela língua, pela palma, pelo trabalho em comum e pela consciência de uma solidariedade nacional.

Para cavar de dilectismo, na opinião almeida suas idéias de homem de Estado, o Visconde de Taunay tinha contra si e o dom literário e talento de fiação. Ora sob o pseudônimo de Silvio Dinarte, ora sob o de Heitor Malheiros, publicou em 1871, "A Moçidade de Trajano", romance; em 1872, "Inocência", romance; em 1873, "Lágrimas do coração", "Manuscrito de uma mulher", romance; em 1874, "Ouro sobre azul", romance; em 1874, "Histórias brasileiras"; em 1882, "Ceu e terras do Brasil"; em 1886, "O encilhamento" tro-

lhas os casamentos civis e mance que descreve o Rio de Janeiro por ocasião da grande crise financeira dos primários anos da República; e em 1898, poucos meses antes de morrer, vacina alienigena para viver e prosperar."

Como está sucedendo a outras homens do Brasil Imperial — por exemplo, Manoel Tavares Bastos — a figura deste avultará com o passar dos anos, quando sujeita, então, a um processo crítico documentado e minucioso da sua vida, das suas idéias e da sua obra. Que riqueza de aspectos oferece Taunay!

Para concluir, é o caso mais impressionante e mais lustro de "imigración estrangeira" que temos na história da sociedade brasileira. Ninguém mais do que ele sentiu a sua terra, aliás que não lhe correu nas veias uma gota, sequer, de sangue português ou brasileiro. Cultivou e amou tudo aquilo que é muito brasileiro de quatrocentos anos, preso a sedução permanente do clássico civilizado, nunca couvou com os próprios olhos, nem nunca julgou obstante de interesse: o serial, o enredo com a sua casa de peleja e o seu herosismo animado. E se nesse mesmo sentido se sabe que há uma flor de retrato e medieva, mas ouviu falar devem-lo a Afonso d'Espragnolle Taunay — chama-se Inocência.

"... Pois não é que um bicho dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... Que dia?"

"Afiliadora" — N. 51.

## "O SANGUE DAS HORAS"

(Continuação da pág. anterior)

Já em 1876 fôr também presidente da província de Santa Catarina, onde observou os fenômenos da colonização alema. Ali, naquelas férteis mundas ainda desporados, em que o rio Neiva "inalha a terra", com uma série de prospera cidades tinicamente alemanas, Taunay refletiu sobre as necessidades e os perigos de mais acudo dos problemas americanos e os problemas demográficos — a fatalidade de termos que importar o homem, para além a urgência de afeirenciar esse mesmo homem à tradição local em que em Santa Catarina, infelizmente, nem sempre foi possível, com suas penas frentemente na tempestade. De ora em diante, para o mesmo leitor palpita nelas algo de mortalmente verde e amarelo.

A poesia de Cassiano Ricardo é mesmo de inspiração brasileira com os múltiplos elementos que comporta a expressão. Além do mais participa da bravura desta poesia o seu poder de revelação, o qual já me referi — relâmpago dentro de nosso lar. Podemos levar anos a entender a mensagem de um verso mas no dia que a espada libertadora nos feriu, a revelação é instantânea. Alguns o obtêm pela palavra, outros pela metáfora, pelo poeta, enfim, carregada pelo poeta de possibilidades imediatas. É realmente o caso de Cassiano Ricardo, que procede por rimas e imagens. A imagem, sobretudo, é a sua grande clímax. O sóbrio e econômico prosaador de um magistral estudo em profundidade de sociologia geográfica como "Marchas para Cesté" é um poeta perseguido pela imagem. Adquire ela, muitas vezes, o valor de que há nele de mais despreocupado, aéreo, livre. A imagem, o seduz por prolongar deliciosamente a realidade, por constituir um cenário psicológico para um sentimento apenas sugerido, elegantemente esboçado, que atraia ao leitor a impressão de uma visão atenta que já virou lembrança. Eis a imagem:

Por um só de áurea cresta a noite e uma casa de pespa de tanta estrada na funda rendo a luta que passa na sua e o sentimento indefinível de graça folclórica:

E se meu barco flundar não no mar, mas neste mundo fui porque sou um marujão docevo derré e não do mar fui por causa de aloum anjo que não soube temer.

## O RITMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

BARBOSA LIMA

... Somos chegados a uma altura de cão em que a tração da civilização pioneira aproxima todos os povos, e o ritmo dos movimentos sociais comum para se tornar isentos em todos os centros da humanidade civilizada.

Nos dias, como há dezenas ou trés séculos, os acontecimentos comuns e celebrações humanas do Velho Continente lentamente, e apenas como movimentos de superfície vinhão seculando de onda em onda, de roga em roga, até chegar às prégas do Continente Novo.

A solidariedade, o consenso do organismo humano tornou-se cada vez mais intenso, de modo que a vibração que se iniciou nesta ou nequela capital do Velho Mundo, logo repercutiu nas sociedades onde se ergue a humanidade civilizada no continente colombiano (Discurso no Senado, em 21-3-921).



# CONTEMPORÂNEA - 2.ª Série - Antologia da Poesia - XVI - Clovis Beviláqua

## NATURALISMO RUSSO-DOSTOIEVSKY

Visão de Melchior Vogt, levando sobre o grande rosto russo, cuja individualidade vai servir de tema a os autores que se seguem, uma justa epi-odisseia iniciada na mantinência de uma obra que o espírito francês considerava por um dever hereditário, dever de todo conhecer, de modo para continuar o gosto da honra de ganhar.

Quando discutirei se a França é ou não digna de manter-se neste ponto cuja elevação cultural é sempre a que não tiver a menor beldade e equilíbrio, não indaguei se ela tem ou não a galhardia de um glorioso mistério. Não deserto a necessidade urgente de amparar-me por esse habilitate de vaidosas suscep-

Nem foi para derivar pelo desse terrível escorregamento chocante que lombrei a do célebre escritor

francófona dominante ainda no pão de cima. Apesar e quer pedir apoio à continuidade. Bem ou não que a França é a de que é de todo condutor mundo para melhor mundo, o certo é que os franceses necessitam de reconhecer o que fazem para continuarmos

na sua operância

nosso mundo. Os mestres de ontem são os discípulos de hoje. E quando da mesma classe, uma diferença profundamente rica, convém se que a nos favorece. Ju não nos faz o encorajamento que nos levaram os portugueses ao seu círculo de mesa.

Em vãos jantins soletinos franceses, italiana- mas e alemães. E que tam- bém previdemos.

Tentamos fe. Um dia deixamos também os nossos mestres de hoje, e temos pensar conta própria. Como a Rússia sua emancipação literária a apenas de cinquenta anos, temos emanipular-nos integralmente à força de genio de estudo.

## II

Fedor Michailovitch Dostoiévsky nasceu, no correr do ano de 1821, no recinto do hospital dos pobres em Moscou, onde seu pai exercia a profissão de medico.

Saindo da escola de engenharia em 1843, no ano seguinte demitiu-se para dedicar-se todo inteiro à literatura, com tantos sofrimentos lhe trouxe e a qual, em paga, ele

Direito, vol. 94, p. 3. — Arquivo Judiciário, vol. 10, p. 155. — Revista de Crítica Judiciária, vol. X, n.º 2. — Pandectas Brasileiros, vol. I, p. 11.

"Direitos autorais" (vol. 90, págs. 10, 11, 12, 13). — "Revista de Direito".

"O Direito e a Guerra" — "Arquivo Judiciário", vol. 22, p. 13.

"O momento jurídico do mundo e perspectivas do direito brasileiro" (Arquivo Judiciário — vol. 34, p. 31).

"Conselho do Estado" (conf.) (Revista da Faculdade de Direito de Recife).

"Discurso" no Instituto dos Advogados (Rev. de Crítica Judiciária).

"Spengler e o direito romano" (conferência) (Revista de Crítica Judiciária).

dotou com tantas obras primas. A partir desse dia, V. B. correu, para ditar por quarenta anos, o destino fértil do sacrifício e da misericórdia.

Suas mestras em literatura foram Puchkine, Balzac, E. Sue, G. Sand e sobretudo Gogol. Com todos eles se assimila, mas de todos eles se destaca, por certa nota original que faz a sua superioridade.

A genocépsie mental que fez dele um grande mestre produziu-se muito cedo.

Em Puchkine, e mais ainda em Gogol, já que todos os românticos russos germinaram dessa admiração e fecundaram criador de Gogol o triste Aksakowich em Puchkine e Gogol, dizia eu, hauriu Dostoiévsky a doce melancolia e a naturalidade que espargem tamanha encanto em suas obras.

Com Sue e G. Sand aprendeu a discutir em suas romances as questões mais momentosas do socialismo e da psicologia. Bem devi-lhe a luminosidade naturalista no trecho e no resto.

Mas, apesar de tudo, que distingue entre a escola russa e o seu realismo ou naturalismo francês?

Dizemos, se malha, Gogol, Turgueniev, Tolstoy, e falamos somente de Fiodor Dostoiévsky.

E para caracterizar melhor quanto de se afasta das tendências francesas contemporâneas, abrimos os nossos livros coloniais construídos com uma economia de revolta e dor, visando, de luto e amargura, de sarcasmo e alento, de cada vez evitando, em títulos respeitáveis, uma docil comunicação que nos envolve, mas construindo, em puro idealismo que nos forja a engrenagem das tramas duríssimas da vida real, para fixá-las no horizonte narrado onde a esperança debucha os contornos indecisos de uma sorte melancólica que nos quer afogar num humor reincidente de melancolia e desespero.

Sou seu primeiro romance, escrito aos 23 anos, foi uma revelação assombrosa. Bichinsky, o cretino crítico, ao concluir sua leitura não pôde conter a emoção que o sufocava e exclamou apavorando o jovem estrangeiro:

— Compreendemos bem toda a verdade do que escrevestes! Não; com os vossos vinte anos não podereis ter essa compreensão. E' a arte que se revela em vós, é um dom celeste esse que possuis; respeitai esse dom; se reis um grande escritor!

Quem assim debruava não podia tardar muito em escrutar essa obra formidável que um critico julgou ser "o mais profundo estudo de psicologia criminal que já foi escrito depois de Macbeth". A proximidade do "Crime e castigo" com a tragédia shakespeareana, é preciso reconhecer-lo, não é uma aventureira associação de idéias.

Ao duas obras geniais se valem pelo vigor e mestria com que são executadas; porém, o que é mais, passagens se destacam em que o escritor russo parece querer disputar em superioridade com o tragicomédia inglês, entrinhandose por um assunto por ele explorado nas condições mais vantajosas.

Não direi que o sobrepuje, seria extremo exagero; mas é afirmo que não fico muito distanciado o grande russo.

Nesta ocasião me ocuparei principalmente deste vigoroso produto do naturalismo russo

e do magistral estudo de tipos dos Goncourt, tão aquisições criminosas intitulado "Recordações da casa dos mortos", que pode trazer numa estante de autocrítica criminal ao lado da "Criminologie des assassins", de A. duval e dos "Caractères del délinquents" de Marx.

## III

O que Jogo à primeira abordagem, se nota em "Le crime et le châtiment", é a dessemelhança com o naturalismo francês tanto embora a moderna escola russa (particularmente este) e os mais romances de Dostoiévsky, tenham uma origem comum com essa boa escola parisiense que se prende a Balzac, Flaubert e Breyle.

Não se pode mesmo dizer que "Le crime et le châtiment" seja um romance naturalista no sentido em que tomamos hoje esta palavra.

Pelo contrário, um doce perfume idealista está a regalar os traços em que mais crumentamente é exposta a tenebrosa psicopatia humana.

Por sobre toda a obra plástica russa idêntica superior que veio a romper por todos os rastros da contextualização realista, que parece por demais estreita para envolver-la. E' o amor, não o amor fisiologicamente entendido, mas o amor instinto fundamental, comum a todos os reis vivos, mas o amor paixão financeiramente idealizada, febre das rendas, mas também febre da inteligência, partilha exclusiva do homem civilizado, que não conhece sacrifício que não encontra obstáculos, que redime os criminais, que transforma e que donora a natureza abjetas da esplendor. Ao terminar a leitura da última página, flanquei uma recordação saudosa daqueles que vivemos algumas horas, e é pena que os temas se evaporem-se justamente no momento em que se nos afigura que vão ensaiar os primeiros passos de uma vida mais pura. Só por si, esta impressão geral da obra é suficiente para reconhecermos que estamos tratando com espíritos de outra témpera.

Não são esses os personagens de "La Curée", não são esses os de "Fromont Jeune". Porém é esta a única impressão de originalidade que nos deixa a leitura do romance capital de Dostoiévsky.

O modo de pôr em ação os personagens não é o mesmo da escola italiana.

O sistema de eliminar o autor para deixar os autores sua "libre allure", a separação do enredo em quadros sucessivos que vão encaminhando a ação para um desfecho natural, que é sabido, caracterizam o romance francês contemporâneo, não tem ingresso na encenação de Dostoiévsky.

A primeira diferença assinalada, creio deve ser tomada em vantagem para a escola de São Petersburgo, se não a exagerar, esta segunda, porém, traduz sempre uma superioridade artística, um melhor conhecimento do "metier" por parte dos românticos de Paris.

Este melhor conhecimento do ofício, talvez efeito principalmente do trabalho acumulado pelas gerações anteriores desde o grande século de Molière e Racine, ainda se manifesta no aprimorado estilo, na arte difícil de arranjar a frase. A elevada correção de Flaubert, as belezas místicas de tantas páginas de Zola, as delicadezas fêmeas de Daudet, e o acaibramento artístico da exposição

da gente em meu coração, quando estive em casa dela... Todos serão juízados por Ela.

Ele perdoará a todos: aos bons e aos maus, aos roubos e aos milhos... E quando tiver acabado com os outros, chegará então a nossa vez.

"Aproximai-vos também, dirá, aproximai-vos, bebedor! aproximal-vos impudente. E nos aproximaremos todos sem receio.

Ele nos dirá:

"Vós sois uns porcos! Vós sois os sítios da animalidade, porque vindes mesmo assim! E os sábios, os intelectuados dirão:

"Por que recebestes aquela Senhor?"

"E' Ele dirá: "Eu os recebo, ó roubos, eu os recebo, ó intelectuados, porque nenhum deles mereceu merecer este favor, e vos estenderão os braços, e nós nos precipitaremos sobre elas, e nos desfazemos em lágrimas e choros, e cometeremos tudo. Entrávamo-nos em lágrimas e choros, e compreendido por todos. E Catarina Ivanova compreenderá também, Senhor, que seu reino chegou!"

"Exortado, deixou-se cair sobre o banco sem olhar para mim, como se tivesse esquecido o que o cercava, e se encostou num protetor "mais forte", e logo produziu uma súbita impaciência por um momento, e logo cessou, mas logo recomeçou as garanhadas de "Le Crime et le Châtiment".

No é morto, pode dar coisa alguma para a encenação diante de pessoas. Evidentemente.

Bichinsky é um ladrão bravo, educado, que roubou e mata, reconhecendo a "louca" e a repulsa de seu ato, mas sem poder resistir à "felicidade" que o arasta no crime.

Fredericoff, Catarina Ivanova, Isabel, Polochka, &c. &c.

Outros tantos intelectuados desequilibrados, mas, em geral, é o sentimento que irá a inteligência.

Nela a inteligência afasta

nas irradiações emocionais do sentimento, como o platão Mercurio nas irradiações intelectuadoras do sol.

Não só, porém, o leitor sente-se com o que acaba de ler. Este mundo de revoluções não é a visão de um alucinado, que teve a sorte de nascer num hospital. E' um mundo real que não nos causa estranheza e que nos acorda simpatias, porque estas doentes são todos uns almas sofredoras, que não vêm desmaiadas e ouvimos falar no acuno de uma dor que sufoca e esmagá.

E' mesmo uma idéia predileta do autor, é uma de suas principais obsessões. Ele tem essa da supremacia do poder de espírito, do sofredor. E' a velha tese do cristianismo a que os idealistas russos dão, às vezes, por adubo, uns tons de pessimismo alemão bebidos nos livros de Schopenhauer e Nietzsche.

O idiota, e imbecil é de todos as criaturas humanas a melhor, porque não faz mal, porque é improductiva, porque é neutra!

E se a essas intelectuadas entristeça aí um bom coração, como em Sónia, entendo realmente o ideal humano.

Não é esta, porém, a ideia capital de "Le Crime et le Châtiment". Vem daqui somente para acentuar as cores do quadro e para suscitar, no coração dos leitores, uma tempestade de pensamentos paradoxais.

A ideia fundamental, de que esta se apresenta, aliás, como

(Continua na pág. seguinte)





